



ERIC VON STROHEIM

Paratodo...
Tomo IV — n.º 182

AS GRANDES INVENÇÕES



HENRIQUE SCHAYÉ

No momento em que procuramos reunir tudo quanto temos produzido, nos cem annos de nossa independencia, é justo salientarmos detalhadamente, no intuito de estimular os nossos operosos industriaes, para que possamos apresentar o maior numero possivel de trabalhos uteis que atestem a nossa intelligencia.

Honra hoje as nossas columnas a photographia do Sr. Henrique Schayé, industrial intelligente e incansavel, que de ha longos annos vem illustrando a nossa industria com descobertas de grande alcan-

ce, das quaes possui privilegios conferidos pelos governos brasileiro e estrangeiros.

Dentre os seus inventos conta o senhor Schayé umas roupas para Mergulhadores, já adoptadas como typo na Marinha de Guerra, que, após acuradas experiencias e confrontos com outras congêneres das melhores procedencias estrangeiras, mereceram da competente secção de obras hydraulicas do dito Ministerio as mais completas referencias.

Não deu por finda ainda a sua missão o Sr. Schayé; agora acaba de apresentar um novo invento, como os anteriores, de grande utilidade. Trata-se de Colletes e porta-seios para Senhoras, e cintas para Homens e Senhoras, de borracha pura, em lençol, destinados a pessoas gordas; estes artigos, lançados á venda apenas ha algumas semanas, pôde-se dizer, sem contestação, serem já indispensaveis, pois o



COLLETE DE BORRACHA



ESCAPHANDRO EM ACÇÃO

seu resultado é infallivel, o que aliás comprova um crescido numero de homens e senhoras da nossa melhor sociedade, inclusive abalisados clinicos, que, ao examinal-os na respectiva Fabrica, á Avenida Gomes Freire, 19, não vacillam em aconselhal-os aos seus clientes, especialmente aos operados, certos de que com o uso do novo Collete o resultado é seguro e as pessoas de ventre mais dilatado, de abdomen crescido e os demasiadamente gordos readquirem uma forma mais elegante e um corpo solido, sem o menor risco para a saude e sem o menor incommodo.



Pó de Arroz

GLOSSY

ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa grande : 2\$500 — Pelo Correio : 3\$200

Caixa pequena : 1\$000 — Pelo Correio : 1\$500

Caixa Postal : 163 — RIO

Envie importancia em vale postal, em dinheiro ou sellos a

CARLOS DA SILVA ARAUJO & C.

1° DE MARÇO, 13 — 1° andar — RIO

Velludo de seda, lg. 1 metro.	4/5
Dito Brochet e Pellucia . . .	5/5
Jersey de seda	3/5
Peltes legittimas, desde . . .	2/5
Casacos de lã, desde	10/5

SO' NA

CASA ISIDORO

RUA 7 DE 7bro 99

SENHORAS! Em quatro horas vos livraes das colicas uterinas, tomando a

"FLUXO-SEDATINA"



E' A "FLUXO-SEDATINA"

A "Fluxo-sedatina" desafia qualquer producto medicinal nacional ou estrangeiro que produza effeito mais rapido nos orgaos genitais das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorragias antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar á luz, facilita o parto, diminui as dores e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorragias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flúres Brancas, Inflamações, Corrimentos, não cheio, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, use a "Fluxo-sedatina" e doe ás vossas filhas e recomende-as ás vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saúde da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que não tem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; terão sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico á mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recon-

menta-se aos medicos e parteiros. E' de gosto agradável.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarior Geraes: **GALVÃO & C.**

Ladeira Santa Ephigenia n. 9 — São Paulo

Em latas e
garrafas

A' venda
em tod
a parte



A
Z
E
I
T
E
S
O
L
L
E
V
A
N
T
E

AZEITE SOL LEVANTE... é a mi
marca do mundo!

Depurativo
Salsa,
Caroba
e Manacá



Do celebre pharmaceutico-chi-
mico E. M. DE HOLLANDA,
preparado pelo Dr. Eduardo
França (Concessionario).

O Rei dos Depurativos

A SALSA, CAROBA E MANACÁ, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e goza de grande reputação. E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, syphiliticas, boubaticas e escrofulosas provenientes da impureza do sangue, taes como rheumatismo, dores articulares, arthritismo, etc. Experimentae um so frasco e sentireis os seus beneficios!

Depositarior: ARAUJO FREITAS & C., dro-
guistas. — Rua dos Ourives n. 88, Rio de Janeiro. —
Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias.

VIDRO... 50000

Graphologia

STA. CURIOSA (Meyer) — Realmente, é a timidez um de seus traços mais característicos. Mas tem um grande amor próprio, com o qual goza intimamente, dando assim expansão ao seu egoísmo, que é um facto e se traduz também numa grande falta de bondade cordial. Predomina em sua natureza o cálculo materialista, mesmo em amor. Pouca decisão de espírito, e um notável pendor para a crítica maliciosa.

SINHA' (Juiz de Fora) — Pela graphia da pessoa em questão, vê-se perfeitamente um indivíduo de espírito e vontade fortes, capaz de vencer as mais sérias dificuldades, visto como possui também um grande poder dissimulativo que pôde ir até a mentira, quando isso for necessário a seus interesses. Mas está claro que este signal não é pejorativo, desde que as qualidades do coração asseguram que se trata de um bondoso, apesar da sua apparencia às vezes fria. E é também um grande amigo de seus interesses, envolvendo por isso enorme actividade. É impetuoso no querer e no sentir. Nutre-se de algum idealismo, porém, sua tendencia é mais para a materialidade, um tanto agravada pela pujança e permanencia dos instinctos sensuaes.

YAM (Curitiba) — Diz o traço espiritual que se trata de uma natureza um tanto avessa á concordancia e procurando sempre ficar num ponto de vista original. Ou por outra: tem a preocupação da contradição... Mas é muito idealista, lá no seu intimo e anseia pela realidade material dos seus sonhos de amor. Vontade claudicante e coração hemifazejo.

MISKA (Guaratinguetá) — Da natureza material não ha indícios de anormalidades. Tem o *quantum satis* para ser julgada em perfeito equilibrio nos seus instinctos sensuaes. Também o espirito não é tão sereno que possa merecer a pecha de indifferente, nem tão vibrante e apaixonado que se perca em arrebatamentos. Todavia é bastante sensível e delicado, sem deixar de ser muito arguto. A vontade é um tanto ambiciosa e perfimaz, e quando se sente contrariada delagra às vezes em co'era. Falta, provavelmente, de um pouco mais de ponderação de espirito. Mas o seu coração, tão bondoso como é, sabe perdoar facilmente qualquer agravo... menos o que o affectar nas suas tendencias amorosas.

J. DA SILVA (Sapé de Ubá) — Validade e bastante audacia — eis o que mais se destaca na sua graphia ora enviada. Também é notavel o predomínio dos instinctos materiaes, não obstante o traço de algum idealismo... objectivo. É franco e simples de modos, quando entre pessoas que estima. O seu coração conhece pouco a philantropia.

LAGRIMA DE VENUS (Maceió) — Não tem direito a estudo graphologico, por ter escripto em papel pautado.

CORUJA (S. Paulo) — O seu principal característico está na materia, ou, por outra, é materialista a predominante da sua natureza, a começar pelos instinctos luxuriosos e pelo amor ao dinheiro. Este ultimo indício é agravado pela falta de bondade. Tem o espirito frio e se preocupa com faccêres de modas e de trajes — no que é, realmente, eximia. Na vontade prevalece o impeto e a ambição. É muito susceptível de co'era.

AIVLYS (S. Paulo) — Fortes instinctos sensuaes. Espirito altaneiro, mas contraditório. Tem expansibilidade às vezes exaggerada, cabindo outras vezes em melancolia. É desconfiada, mórmente em calancioia. A vontade é impetuosa e cheia de ambição, mas não tem grande constancia. O coração é excelente.

ROSA RUBRA (Curvello) — Veja a resposta a "Lagrima de Venus". Incidiu no mesmo erro.

RASKIK (S. Paulo) — Queira ter a bondade de repetir o pedido, mas escripto a tinta em papel liso.

BELKIS TALMADGE (Rio) — O seu traço mais notavel e apreciado é a força e a constancia da vontade. Com essas qualidades, procura fazer caminho na vida, prompta a vencer quaesquer obstaculos. Mas, quando acaso os não vença no primeiro momento, sobra-lhe grandeza d'alma para reagir e continuar a luta. Isso de-

nuncia um espirito forte, e o é, de facto, não obstante uma apparencia quasi timida. Ha algum idealismo no seu temperamento; mas o traço materialista ou, pelo menos, o da ligação de idéas é mais forte. De resto, possui muita bondade cordial.

ROCAMBOLE (Pinheiro) — Sobre aze o traço voluntarioso, mas diminuido pela pouca ponderação do espirito. Quer isso dizer que às vezes pode dar por pãta e por pedras, afim de conseguir os seus intentos, quasi sempre de ordem material e ligados á posse de pecunia. Mas, não ha duvida de que é também um tanto idealista, ou, melhor, caprichoso em materia de amor. Tem um espirito muito activo, algo vibrante, mas pouco sentimental. Seu coração, possui alguma bondade caritativa, mas á extremamente ciumento ou pelo menos desconfiado.

XONA OTUOC (Maceió) — O que desde logo se destaca é o predomínio dos instinctos pessoaes. São realmente poderosos, conquanto não continuos. Ha surtos idealistas no seu temperamento; é verdade, que subordina-os á posse de riquezas... Tem uma grande presumpção, isto é, um amor proprio exaggerado, que lhe dá a impressão de ser um homem differente dos outros. Sua vontade é firme, embora modesta e pouco ambiciosa. É generoso, mas só para umas certas pessoas.

F. SANTOS (Rio) — Nada temos que ver com os seus desejos, e sim com a sua graphia. Ella nos indica um indivíduo de espirito simplorio e indifferente ás grandes lutas da vida exterior. A sua preocupação é toda consigo mesmo, com os seus interesses. É, pois, mais um materialista a juntar á enorme galeria. Mas nesse seu modo de ver ha um quê de agradável, como, por exemplo, a sua via expansiva. Amigo do combate real, revela nesse ponto um grande egoismo, pois não concorre para que os outros também desfrutem esse goso da vida. Sua vontade é teimosa e cheia de ambição. Possui alguma bondade cordial.

FANNY WARD (Maceió) — Natureza mixta de brandura e energia, de idealidade e materialismo, de ternura e cultura. Graças a um espirito vibrante e aparentemente gentil, consegue esconder os excessos ou defeitos do seu temperamento e apresentar-se principalmente pela sua face sympathica. So os intimos lhe conhecem as agruras. Tem uma grande ambição de honrarias e nesse sentido emprega os maiores esforços de sua vontade, aliás não muito intensa. É pouco amiga de fazer bem.

PAGE' (S. Paulo) — Pouco orgulho e muita ambição é logo o que se nota na sua graphia. Possui uma excellente ligação de idéas para o bom exito da sua bóssa commercial. É, principalmente, um homem de negocios, activo, decidido e de notavel perspicacia. Apesar de sua esportezera, parece habituado a insuccessos, pois ha indícios de grandeza d'alma para reagir contra adversidades e proseguir na luta. É, portanto, um forte e tem a validade justa de o ser.

K. C. T. (Jundiahy) — Pelo bilhete só agora recebido, verifica-se, acima de tudo, que é uma personalidade de grande perspicacia, cujo poder dissimulativo vai ao ponto de dissimular a propria vontade, aliás, forte. Sabe ser, quando necessário, muito expansivo ou muito discreto. O seu espirito é frio, conquanto procure ser brilhante, aparentemente. Tem algum idealismo; soblevain, porém, os instinctos sensuaes que o dominam permanentemente. Dispõe de grande actividade pessoal, e de alguma bondade co-

CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO
Avenida Passos, 120
(Proximo á rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica, pôde assim vender todos os seus productos de calçados, desde as alpercatas ao Luiz XV, mais barato que em qualquer casa 50 %.



MODELO NILDA

de 17 a 26	4\$000
" 27 " 32	5\$000
" 33 " 40	6\$500



MODELO NORAH

de 17 a 26	4\$500
" 27 " 32	5\$500
" 33 " 40	7\$500

Pelo Correio mais 1\$500 por par.

Remettem-se catalogos illustrados, gratis, para o interior, a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

CHARLIE CHAPLIN'S WALTZ SONG.

"There's Always One You Can't Forget."

Letra e musica do famoso astro da tela

CHORUS. In this song the notes should be sustained: Legato—played on organ tuner.



There's al ways one you can't for get, There's al ways one, one vain re - gret, Tho' grief is dead



mem'ry sur-vives, Fate linked us two, ma ted our lives... Why did we meet on - ly to part, Love comes but



once in - to the heart, Tho' it may cause pain and re - gret, There's al ways one - you can't for get. - ges.

I.
SIT alone at twilight gazing in the fire-
light glow,
And my mem'ry takes me back again to
days of long ago:
Those happy days when you and I would
share the sun and rain.
Ah! what would I give if I could live those
happy days again.

CHORUS.
There's always one you can't forget: there's
always one, one vain regret.
Tho' grief is dead, mem'ry survives; fate
linked us two, mated our lives.
Why did we meet, only to part? Love
comes but once into the heart.
Tho' it may cause pain and regret, there's
always one you can't forget.

II.
Tho' destiny decreed that we should live
our lives apart,
Yet your mem'ry dear will ever be engraven
in my heart.
The pain and anguish we endured, unspoken
and unseen,
Why it nearly breaks my heart to think of
that which might have been.

Reproduced by arrangement with the Chas. Austin Music Publishing Co., Ltd., 45, Charing Cross Road, W.C.2 (Price 2/- net.)

Ilustração Brasileira --

a mais bella revista mensal illustrada, colla-
borada pelos melhores escriptores e artistas
nacionais. Preços de venda avulsa 2\$000,
na Capital: 2\$500, nos Estados.

Os triumphadores futuros

Adele Rogers Saint Johns, uma das escriptoras que mais carinhosamente se occupam com os assumptos cinematographicos na Norte America, estudando os films e o trabalho nelles realizado em 1922 pelos diversos artistas, augura quæ as futuras estrellas, pelo consenso unanime de quantos vivem nesse meio cinematographico, desde o director de scena até os mais humilhes artifices dos studios.

E essa especie de plebiscito singular deu o seguinte resultado, que o anno corrente se encarregará de ratificar ou re-
futar:

CONRAD NAGEL COLLEEN MOORE
RUDOLPH VALENTINO MADGE BELLAMY
CULLEN LANDIS LILA LEE

Sobre Colleen Moore falou Rupert Hughes que para essa artista já escreveu dois enredos e dirigiu-a em um film: "Colleen Moore não pôde ser comparada a nenhuma outra actriz. Ella é barro para moldar e a um tempo marmore para conservar. Fez em dois dos meus films o principal papel feminino e nelles passou por todas as escalas das sensações, ora alegres, ora tristes. E a cada appello meu para que se afizesse a determinadas situações, correspondia com sua perfeita intuição, seu enthusiasmo, sua technica perfeita. Parece-lhe impossivel ser insincera. Colleen ha de ser uma estrella. Seu valor cresce dia a dia, visivelmente".

Quem conhece o major Hughes sabe como elle é difficil de se enthusiasmar e de elogiar. Dahi o grande valor dessa opinião.

Marshal Neilan, que está collocado entre os dez grandes directores e sob cuja direcção já trabalharam muitas das grandes estrellas da scena muda, sendo mesmo o descobridor de algumas, desmanchou-se em elogios sobre Colleen Moore. "Dotada de uma personalidade maravilhosa que se ostenta magnificamente nos films, Colleen desenvolveu seus talentos artisticos naturaes com uma energia e força de vontade verdadeiramente de se admirar. Posto que seja pouco mais que uma criança, ella trabalha, ás vezes, como um verdadeiro veterano do cinema.

E ao mesmo tempo vae apurando o seu trabalho, detalhando matizes, que obrigam a gente a prestar-lhe attenção.

Dentro de um anno essa artista tão moça terá collocação ao lado das mais afamadas artistas da tela. E' fatal. Além do mais, ella possui uma energia, uma força vital raras, absolutamente necessarias para superar as obices que se apresentam aos melhores artistas, na vida rude que levamos. Jámais da Irlanda nos veio uma pessoa dotada de tão real talento como essa linda filha da verde Erin".

Não tive occasião de me dirigir a John Barrymore, que com ella trabalhou em seu ultimo film, *The Lotus Eater*. Sei, entretanto, que durante o trabalho varias vezes tivemos occasião de notar como coincidia a maneira por que encaravam certos detalhes artisticos e tambem que o celebre actor a convidava a deixar a tela pelo palco, onde colheria fartos triumphos.

Não imaginam o prazer que tive ao ver como Thomas Ince estava enthusiasnado com a minha outra escolhida — Madge Bellamy. — Mr. Ince é um dos maiores astrônomos da tela. Com Griffith e Cecil B. de Mille, elle partilha o titulo de fazedor de estrellas. Com o seu telescópio descobriu elle Charles Ray, Bill Hart, Dorothy Dalton, Douglas Mac Lean, Doris May e varios outros.

"Tenho visto um lote de artistas no ponto de se converterem em estrellas, disse-me Mr. Ince: "nenhuma dellas porém possuia tantas qualidades essenciaes para uma verdadeira estrella de cinema como Madge Bellamy. Nunca trabalhei com nenhuma outra que tanto merecesse esse qualificativo. Ella possui belleza, encanto, graça, habilidade dramatica, e tudo isso animado pelo sopro da mais genuina, da mais legitima ambição. Tem tantas qualidades artisticas, encanto e attractivos como Mary Pickford quando aspirava o posto que agora occupa. Além de tudo isso, uma mocidade radiante, e assim sendo aos 18 annos, nada lhe pôde ser elevado demais ás justas aspirações. A minha confiança no futuro de Madge Bellamy está demonstrada e completamente pelo facto de haver-lhe confiado um papel principal no meu ultimo film, entre outros artistas de já demonstrada competencia, sendo, como era, a segunda vez que ella trabalhava para o cinema.

Ella está trabalhando de novo e grandes coisas se podem esperar no seu futuro".

Penrhyn Stanlaws, o famoso artista americano, disse-me considerar Madge Bellamy a mais linda rapariga vista por seus olhos. Depois de citar Lantelme, a grande belleza franceza e a rainha Alexandra, da Inglaterra, como as duas mais formosas mulheres que elle vira, exclamou: "E Madge Bellamy é a moça mais bonita".

Maurice Tourneur vae filmar-a em *Lorna Doone*. Declarou não ter jámais esperado encontrar uma rapariga que, possuindo a belleza de Lorna, na tradição e na literatura, possuísse ao mesmo tempo a habilidade dramatica precisa para as grandes scenas tragicas do film. "Miss Bellamy appareceu porém; fui feliz!".

William de Mille, que é uma das mais completas e equilibradas intelligencias entre os directores de scena, disse-me que após haver completado o trabalho em *After the Show*, com Lila Lee no papel de rapariga, ficara cheio de confiança por seu futuro.

Lila revelou uma tal sagacidade no seu trabalho dramatico, que não pôde a gente deixar de se admirar encontrando-a em tão juvenil idade. Seu trabalho dá todos os motivos para esperar que condignamente orientada ella venha breve a occupar um posto entre aquellas que estão á testa da arte do silencio.

Sua personalidade é impetuosa, attrahe e arrebatava a um tempo. E' uma das mais raras qualidades hoje em dia, essa. Dá sempre uma impressão de verismo a todos os seus papeis. E' bella quanto basta. Seus talentos naturaes em combinação com um invulgar poder de expressão são de molde a garantir-lhe o successo. Seu desenvolvimento levou mais tempo do que outras, pelo justo motivo de que ou ella terá uma grande artista — ou nada. Ninguém duvida porém de que Lila Lee venha a ser uma grande actriz dramatica. E as grandes artistas dramaticas são raras...

Cecil de Mille fez-me identicas reflexões acerca de Lila Lee. "Se Miss Lee não engordar como a mãe, dentro de dez annos será a maior actriz dramatica do cinema".

Dentro de dez annos, terá Lila Lee 28 annos.

Entre os homens, Cecil de Mille profetisa grandes triumphos a Conrad Nagel. "E' um esplendido actor. E' o typo da mocidade optimista. Quando elle tiver um bocadinho de experiencia da vida, das emoções que elle deve transmitir,

tornar-se-á um dos maiores actores da America, quer na scena muda, quer na falada. Elle encarna typos de todas as classes, excellendo, entretanto, nos populares. Isso o tornará um dos grandes favoritos".

"Rudolph Valentino muito breve tornar-se-á um dos idolos da tela", affirmou Rex Ingram, quando o filmou n' *Os quatro cavalheiros do Apocalypse*. Se elle continuar a representar os jovens typos de estrangeiro na tela, a sua ascensão far-se-á tão rapida que poucos lhe poderão acompanhar a trajetoria. Accidentalmente, um esplendido actor."

Sam Wood, um dos melhores e mais preparados directores da Paramount, que está dirigindo actualmente Valentino em *Beyond the Rocks*, ao lado de Gloria Swanson, disse-me que Valentino era uma das esperanças do cinema actual. "Tem todo o encanto latino, o fogo, a paixão, e por isso mesmo é o melhor galã amoroso da tela. E depois possui-se, enthusiasma-se, vive o seu trabalho."

Elynor Glynn, que é uma grande autoridade em materia de amor e sedução, declarou: "E' o verdadeiro typo de galã sentimental. Estou satisfetissima de tel-o como actor principal em meu film. Elle possui tanta attracção como valor artistico. Estou certa de que conquistará o coração de todas as moças".

Cullen Landis, por consenso unanime, é considerado um galã exímio nas comédias-dramaticas. Desde o seu triumpho em *The Curly Kid*, foi Cullen olhado pelo publico como estrella.

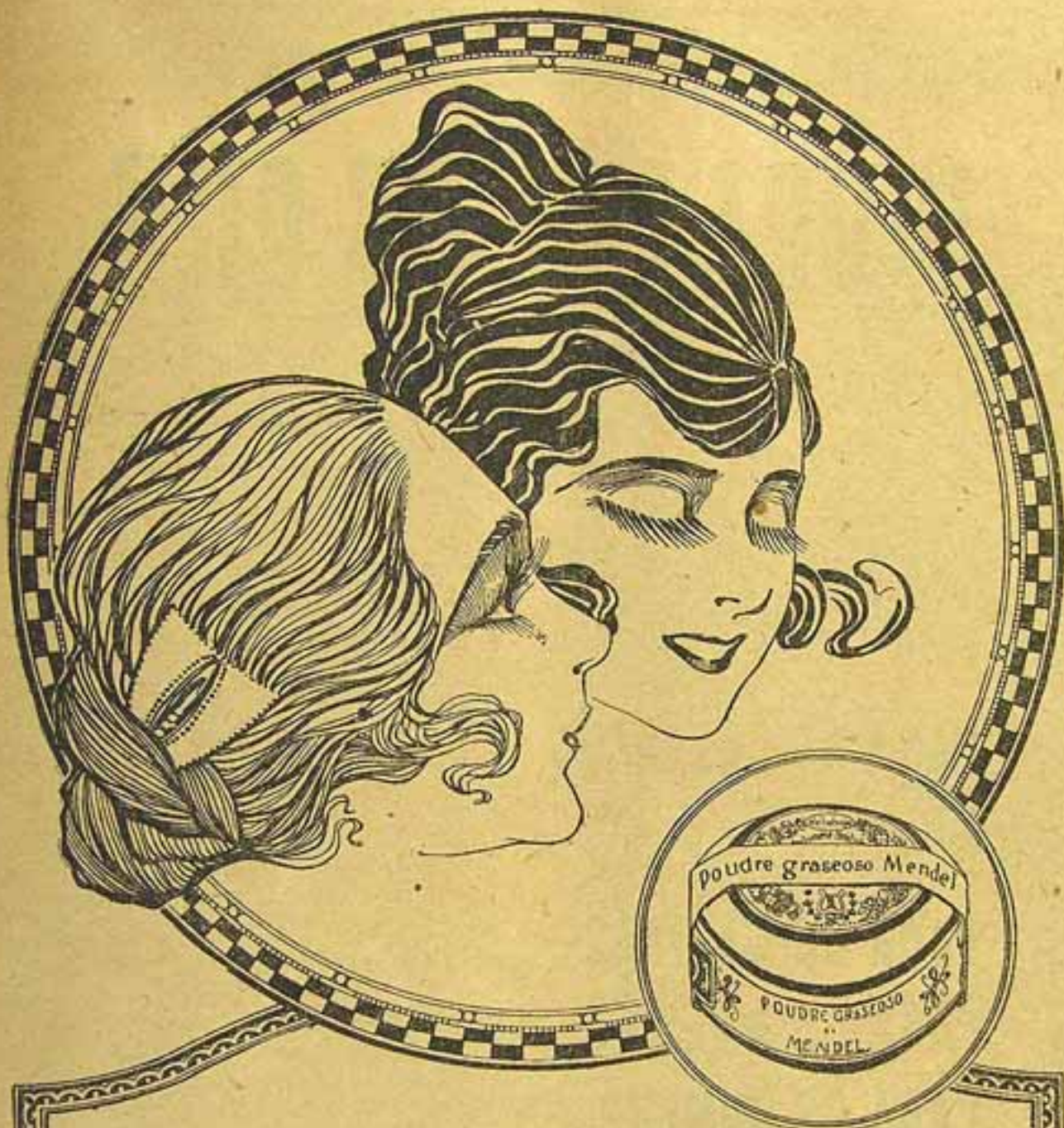
"Não é para nós surpresa que o publico e a critica dessem a Cullen Landis a categoria stellar", disse Clayton Hamilton, uma das principaes personagens da Goldwyn. "O publico, desde cedo, habituou-se a admirar esse artista, cuja irresistivel personalidade constitue um dos factores do seu successo. Adapta-se a tudo. Mette-se dentro do personagem que interpreta. Alegre naturalmente, pathetico naturalmente. Nunca poderia ser um caracteristico. Tem a alegria de viver e gosta do seu trabalho. Sua sinceridade e sua naturalidade são as condições do seu successo."

Mary Robert's Rinehart, cujas novellas elle tem interpretado na tela, escreveu-me: "Cullen Landis é o numero 1 entre os juvenis galãs da tela e no futuro terá um lugar de destaque. Tem encanto e personalidade." Outros directores, como Reginald Barker e Frank Lloyd, têm essa mesma opinião sobre o futuro de Cullen Landis.

Varios nomes tive em mente e foram postos de parte, exclusivamente por motivos de abreviar a relação. Assim é que Lois Wilson disputou o logar a Lila Lee; Fred Niblo e Rex Ingram mencionaram Barbara LaMar. Os planos de Alice Terry são tão sinceros que não se pôde prophetisar-lhe o futuro.

Florence Vidor é já uma estrella, e assim Gloria Swanson. Bock Jones, que a colônia em Hollywood escolheu como o mais perfeito representante dos typos do Oeste e o possivel successor de Bill Hart, trabalhava tanto tempo para a Fox, que não foi possivel achar um actor ou director conhecido que attestasse o seu trabalho. Mae Busch passou tanto tempo a fazer o film de Von Stroheim, que até a memoria della se perdeu, mas pôde ser considerada uma especie de Rudolph Valentino de saias e a Universal deve fazer della uma estrella.

Os seis citados acima, porém, parece serem os que têm maior numero de probabilidades de vencer.



No cultivo da esthetica do rosto, a cutis deve merecer toda a attenção, porque, conservando a tez fresca, suave e delicada, a mulher ostentará sempre juventude e belleza physica.

Para alcançar o aformoseamento da pelle do rosto, aperfeiçoando-a e depurando-a, não existe nada melhor que o uso constante do

PO' DE ARROZ MENDEL

exquisito producto do toucador, unico em seu genero, cujas maravilhosas propriedades para aclarar e embellezar a cutis não serão igualadas na pratica.

IMPORTANTE: O Pô de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adherente, que resiste á acção do ar.

O seu uso não requer o emprego de crêmes ou pomadas.

Vende-se nas cores branca, rosa, para as claras de pouca cor, "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (crème) para as morenas.

Agencia do Pô de Arroz Mendel: Rua 7 de Setembro n. 167, 1º andar.
Tel. C. 2.741. — RIO DE JANEIRO. — Deposito em São Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50.

MENDEL & C.

IODOLINO DE ORH

Contém, de uma forma perfeita e assimilavel, todos os agentes medicinaes que vencem e curam a anemia. O tonico mais completo, depurativo anti-escrofuloso. Receitado diariamente pelos medicos mais eminentes, que attestam o seu alto valor therapeutico nas doencas seguintes:

ANEMIA DE DIVERSOS TYPOS — ESCROFULAS — RACHITISMO — PALLIDEZ — FLORES BRANCAS — TUBERCULOSE CHRONICA — FALTA DE FOME — MAGREZA — FALTA DE ENERGIA — CANSAÇO CEREBRAL.

PARA AS CRIANÇAS -- é indispensavel no periodo do crescimento. Fortifica e desenvolve normalmente. Evita as doencas da infancia, facilitadas pela Anemia. Corrige a nutrição deficiente. Augmenta o appetite, engorda e desenvolve as côres.

PARA AS MENINAS -- no periodo da puberdade, é garantia contra desarranjos futuros.

PARA AS MÃES -- no periodo da gestação e da amamentação, é prodigioso.

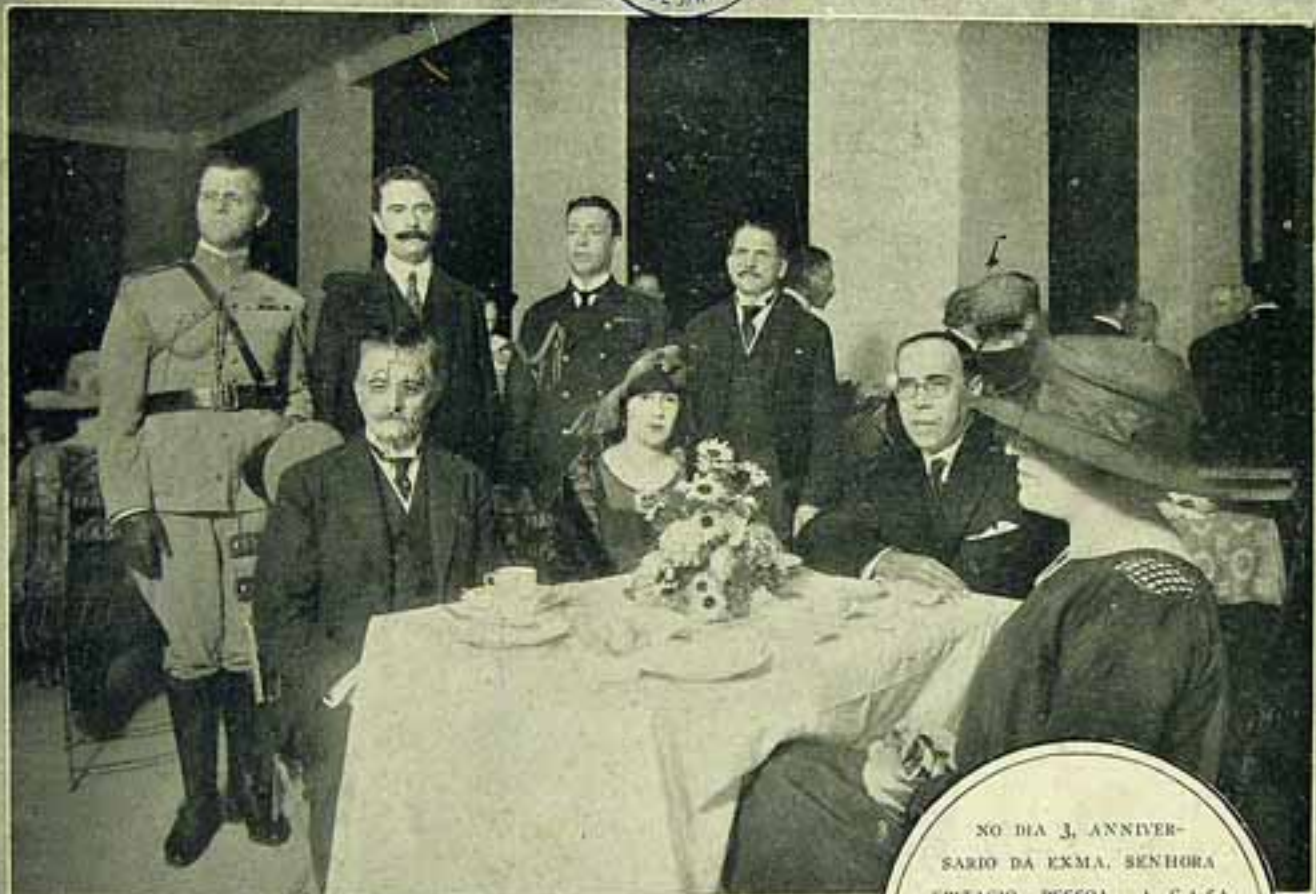
PARA OS HOMENS -- no periodo da vida intensa, augmenta o vigor e as forças. Evita a perda de energia. Conserva e activa as funcções cerebraes.

AOS VELHOS -- evita a decadencia, reconstitue e fortifica o organismo.

Insustituivel nas convalescenças

Os resultados colhidos são sempre superiores em todas as edades. Fortifica, desenvolve e evita a invasão de molestias causadas pelo enfraquecimento do organismo.

Em todas as drogarias e pharmacias do Brasil — Agentes geraes :
SILVA GOMES & C. — Rua 1.ª de Março, 151 — Rio de Janeiro



NO DIA 3, ANNIVERSARIO DA EXMA. SENHORA EPITACIO PESSOA, A CASA SANTA IGNEZ ABRIU-SE PARA UM CHÁ, EM HOMENAGEM À SUA FUNDADORA E EM BENEFICIO DAS SUAS ALIVELADAS.



A BELLEZA BRASILEIRA

por

HUMBERTO DE CAMPOS

A palavra dos poetas constitui, ordinariamente, em questões de gosto, o termómetro pelo qual se afigere a preferência dos povos. E como o brasileiro é, em geral, um apaixonado dos encantos femininos, é natural que os seus poetas se não canssem de celebrar a perfeição das mulheres, ora particularizadamente, cantando-lhes os olhos, a bocca, os seios, os cabellos, as mãos, a ondulação do andar e o torneado da cintura, ora a belleza em si mesma, imponderavel e indefinida, como um sopro de Deus que perfurasse o Universo.

Pela raça e pelo clima, os nossos artistas do verso não passam, com excepções muito raras, de pequenos Anacreontes. Cruzassem sobre elles aquellas duas varas magicas da lenda oriental, que mudava os homens naquillo que elles intimamente são, e a literatura appareceria aos nossos olhos como um verde bosque da Arcadia, em cada poeta seria um fauno, um egypcio, quasi um bode, a perseguir uma nympha. Aqui e ali ha, entretanto, uma vez por outra, uma generalisação da belleza, e a consciencia ou, pelo menos, a suspeita de que ella não está apenas nos olhos de Alzira, nos seios de Glaucia, nos braços de Anália, nos cabellos de Marília, ou em qualquer região anatomica das desventuradas musas dos Arcades.

Os poetas brasileiros não apparecem, entretanto, como apologistas da perfeição feminina no seu conjunto. A abundancia de encantos atordoa-os, confunde-os, perturba-os, afugentando-os; e de tal maneira que elles, ou capitulam, confessando a impossibilidade de descrevel-a, ou consideram-na preliminarmente um mal, um perigo, uma fatalidade.

José Basilio da Gama, o épico do Uruguay, estava entre os primeiros. O verso era, na sua opinião, pequeno demais para assumpto tão largo. E confessava, alludindo a uma formosura do seu tempo:

*Pintar-te dos seus dotes o thesoiro
E' reduzir — mar á concha estreita...*

Antes d'elle, já haviam os arcades de Villa Rica procurado definir o que era, realmente, a belleza, para lhe darem então a classificação merecida, de premio ou de flagello da humanidade. Na sua *Lyra XVII*, da 1ª parte, Gonzaga opinava:

*O rico asseio
Não dá, Marília,
Ao rosto feio
A perfeição.*

E definia, na *Lyra* seguinte (XVIII):

*Não se julga formosura
A formosura que mata.*

E Claudio Manoel da Costa concordava com elle, no soneto XXIX:

*E fazer mais soberba a formosura
Adorar o rigor da resistencia.*

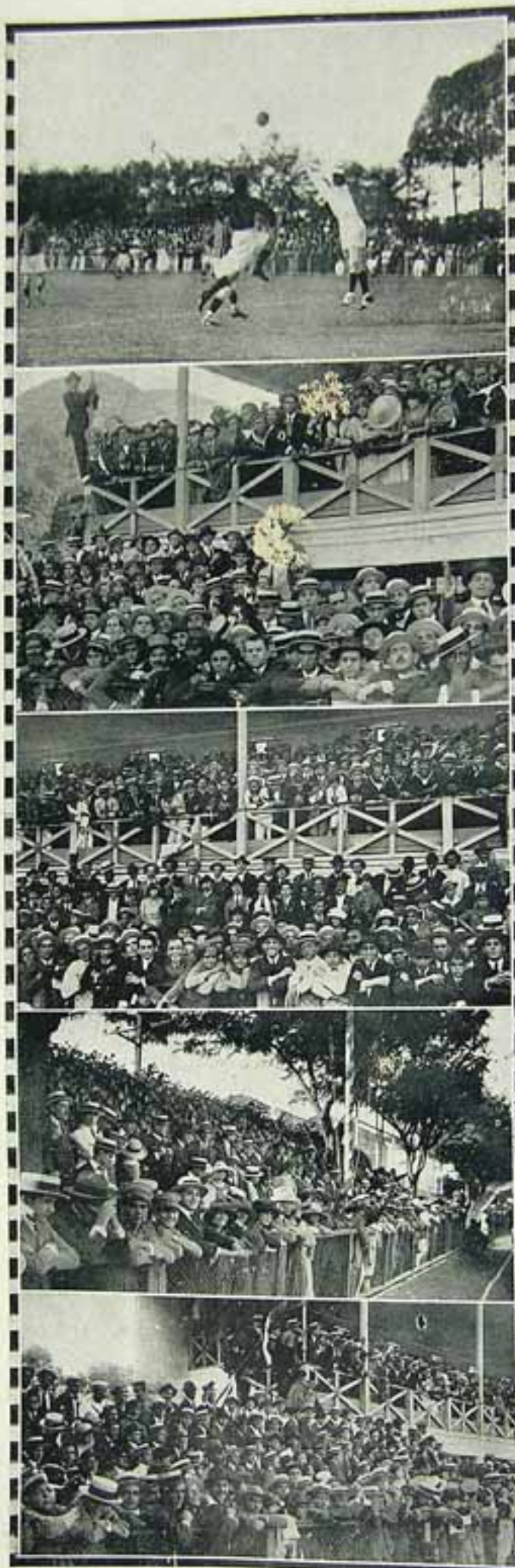
José Bonifácio, o Patriarcha, possuia, em materia de mulheres e de belleza feminina, idéas mais liberais, ainda, do que as suas idéas politicas. Nesse ponto, elle era quasi bolshevista, como se vê por uma das suas *Cantatas*, datada, mais ou menos, de 1798:

*A formosura,
Se a natureza deu, deu para dar-se.*

Gonçalves de Magalhães não barateava tanto a belleza das mulheres. Ao contrario, dava-lhe um valor excessivo, emprestando-lhe origem divina. Discorrendo sobre a *Sciencia e o Amor*, era assim que elle a definia, vendo nella, com a sua acuidade de philosopho, a sombra do Creador sobre a terra:

*Isto que os homens
Chamam belleza,
E' sua sombra
Na Natureza.*

A maior parte dos poetas contenta-se, entretanto, em depreciar aquillo que elles não pos-



Jogo Fluminense x America. Empatado 0 x 0



E Laurindo Rabello, n'O Genio e a Morte:

*Belleza, doce engano,
Mimo, que o tempo deu, e o tempo acaba!*

E Junqueira Freire, tão despeitado quanto os outros:

Não são mais os encantos que um embuste!

Os poetas modernos não têm sido, nesse ponto, nem mais optimistas, nem mais generosos. Guimarães Passos, no *Triunpho da Morte*, chega a destruir, mesmo, a belleza da vida, com esta verdade sinistra, a maneira de Ezequiel e de Isaías:

*Toda a formosura,
Num buraco da terra, é um punhado de pó!*

Coherente nesse ponto de vista, admite, entretanto, outra concepção da belleza: a do coração, a que a virtude empresta às mulheres, e que revela neste final do Oraculo:

*"Para ser bella, que fazes tu resta?"
Pensava, e uma invisível e sonora
Voz lhe responde: "Seres sempre
[honesta!]"*

Luiz Murat é dos que amaldiçoam a belleza, considerando-a o veneno que inutiliza, às vezes, a agua pura das affeições sem peccado. No poema *Sára*, enuncia elle essa opinião:

*Um lindo rosto e um pensamento
[inquieta]
Muda em fogo maldito um brando
[affecto].*

Um dos característicos da poesia de Catullo da Paixão Cearense é o cuidado com que elle descreve os seus typos femininos. As suas encantadoras personagens do sertão constituem verdadeiras obras d'arte, pela delicadeza da figura e pela graça particularizada dos traços. Terminadas, porém, as estatuetas, o artifice as deprecia, no seu conjunto, nestes versos da *Flor da Noite*:

*A mulher quanto mais bella,
Tanto mais é cobiçada;
Poderá ser incensada,
Adulada e requestada,
Vaidosamente adorada,
Mas, amada?... Isso é que não!*



Na residencia do Sr. Deputado Octavio Mangabeira, quando lhe foi feita uma affectuosa manifestação por officiaes da Marinha.

suem á mão. A uva sempre que está fóra do alcance da raposa, torna-se verde. Porque o rio passa rapido, acham os habitantes da margem que devem morrer de sede, sem estender, para elle, a sua pucara. E' o que dá a entender Gonçalves Dias, na *Flor de Belleza*:

*Passa refida a belleza,
Como flôr que a natureza
Cria em jardim melancioso
Ou num agreste torrão;
Passa como um som queixoso
Como felizes instantes,
Como as juras dos amantes,
Como extremos de paixão.*

Maciel Monteiro, escrevendo Num album, secundou essa opinião, digna de uma fabula de LaFontaine:

*O tempo com suas graças
Tudo roça, tudo estraga,
E as graças da formosura
São as que primeiro esmaga.*





O Sr. Ministro da Noruega entre os seus convidados, antes do almoço que offereceu, no Jockey Club, dia em que foi collocada a pedra fundamental do Pavilhão para a Exposição do Centenario.



Senhora Mauricio da Costa Velho (Ara-cy Bittencourt Damasceno)

E lamentando os que se deixam encantar pela sereia:

*Ai d'aquelle que procura
Amor na mulher que é bella!*

Para Felix Pacheco, num dos sonetos da *Lyra solitaria*, a belleza está mais no que se im- a do que, propriamente, no que se vê:

*A belleza legitima, que dura,
Convém que tenha uns laivos de mysterio
Para que possa ser mais alta e pura.*

Deante de uma mulher bonita, Vicente de Carvalho queda-se extactico. E confessa, na *Oração Pagã*:

*Olhar que a fite — é como um pobre
Que estende a mão!*

E Luiz Guimarães Junior, n' *O Cysne*:
*Sua nivea formosura
Encanta languidamente
Como o cysne na corrente:
Macia, ondulante e pura...*

Os poetas brasileiros permanecem, como se vê, atordoados deante da belleza das suas patricias e das mulheres, em geral. Nenhum delles produziu um hymno longo, sonoro, reboante, á mulher brasileira, no conjuncto da sua graça, dos seus encantos, da sua perfeição. E o momento não pôde ser mais opportuno. Realiza-se, a esta hora, em todo o Brasil, um concurso, visando apurar qual a mais bella mulher do paiz. *Enlace Emiliana Guimarães — Dr. Caetano Pe-traglia.*

offerecem-se, já, para retratal-a. Banqueiros destinam-lhe premios em ouro. Companhias de navegação preparam-lhe camarotes de luxo para uma grande viagem triumphal. E os poetas, que lhe promettem elles? Não seria justo que, deante do berço da nova deusa, preste a encher-se, elles se debruçassem tambem, offerecendo-lhe, como Balt' ao lado do ouro de Gaspar e da de Melchiör, o incenso da sua inspiração?

+

NOIVADO

O anniversario da senhorinha Dadá Figueiredo Rocha, no dia 3, deu margem a que fosse levado aos seus paes o seu pedido de casamento, para o nosso confrade de imprensa, Dr. Moreira de Barros, secretario da *Gazeta de Noticias*. A senhorinha Dadá Figueiredo Rocha é uma alma de grande meiguice e uma intelligencia de verdadeiro escól, sendo assim o contrato de casamento o mais auspicioso, porquanto o Dr. Moreira de Barros é o que todos nós sabemos: um bello intellectual forrado de grandes qualidades de caracter, que lhe crearam um lugar de excepção em nosso incio.



CINEMA Para todos...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDACTOR-CHEFE
OPERADOR

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1922

COLLABORADORES
VARIOS

Chronica

O Central vai cerrar as suas portas como, passando a funcionar como theatro com a companhia Christian de Souza.

E' a casa de maior capacidade da Avenida, aquella em que mais economicamente podiam ser exhibidas as grandes produções.

Sem commentarios.

OPERADOR.

A NOSSA CAPA

ERICH VON STROHEIM — Com os seus papéis de cynico, de maravilhosa perfeição, o director de scena e magnifico artista que é o conde Von Stroheim, ganhou tal fama que isso, conforme sua propria confissão, lhe tem valido bem mais pedacinhos na vida. O publico que o vê na tela, realisando sómente interpretações de papeis antipathicos, não quer se convencer de que isso é só na tela e não que na vida real, muito pelo contrario, não elle um cavalheiro muito distincto, bom marido, bom amigo, e um coração sensível a render-se á primeira lagrima. São os preceitos do officio. Elle proprio narra varios incidentes com elle occorridos, que mostram como os seus papeis, tão magistralmente desempenhados, lhe attrahem, cá fóra, no palco da vida, realissimas antipathias.

Uma noite, em New York, estava com minha esposa e varios amigos no L'Aiglon, popular restaurant francez. Na mesa ao pé da nossa estavam dois casais, e uma das raparigas começou a encostar-se fixamente, cochichando depois com os companheiros. E de repente levantando-se, disse em voz bastante alta para que eu a escutasse:

— Você tem coragem de jantar ao pé dessa fera?

E todos se foram para mais longe, deixando-nos literalmente estupefactos...

Outra vez lá eu por uma rua, quando encontrei uma senhora com sua filha, garotinha de poucos annos.

— Olha, mamãe, aquelle não sujeito que maltrata as mulheres e as crianças? — disse ella com uma expressão de pavor na physionomia.

E eu gosto tanto de crianças!

Entretanto isso não acontece a todos que interpretam papeis antipathicos. Quando meu amigo Lon Chaney apparece em um local publico é apontado e acolhido com todo respeito e admiração. E' um artista admiravel e um cynico notavel. Lembra-se do *Prince of Darkness*? Mas quando eu appareço é logo: "Lá vem Von Stroheim — a fera!"

Minha familia mesmo tem soffrido com essa atmosphera de antipathia que me circunda. — Meu cunhado é necessitante de automoveis em San Francisco. Pois bem, um dia elle foi procurado por um dos seus camaradas, que sem o menor preambulo lhe foi dizendo: — Olha cá, Você é um excellente rapaz e eu o considero bom amigo. Mas a sua irmã é casada com Von Stroheim e esse tipo, dizem que é tão mau na tela como cá fóra na vida real. Dizem tambem que elle dá-lhe uma vida horrivel, maltrata-a, tyrannisa-a. Ora, você não pôde consentir em tal é a opinião de todos os seus amigos. Ou estaremos todos enganados? Justamente chegava eu naquele momento com minha mulher. Meu cunhado fez as apresentações.

Mas nem sempre temos um cunhado presente quando fazemos mal da gente e a minha má fama vai se estendendo. Não é commum isso de confundir o artista na vida real e na sua vida artistica. Porque succeder-me isso só a mim? Eu sou um homem calmo, pacifico, que só procuro desempenhar-me bem das minhas obrigações e dos meus deveres de chefe de familia. E assim vivo, cercado do odio geral, de homens e mulheres, talvez daquelles ainda mais que dellas.

Ha um conto em que um homem chamado Frankenstein criou um monstro que acabou por matar-o, deseducando-o.

Sou como Frankenstein e os filmes representam o monstro que me espreita com olhos ameaçadores...

+ + +

No proximo numero — RUTH ROLAND.

OS GRANDES FILMS DE 1922

A Famous Players acaba de publicar, com uma antecedeção de se notar, a lista das produções que irá entregando aos exhibidores, desde 1º de Agosto futuro até 31 de Janeiro de 1923, em numero de 41. O esforço da grande empresa prova que o mercado productor norte-americano tende a voltar á normalidade.

Entre esses filmes citam-se: "The Dictator" (Wallace Reid e Lila Lee), direcção de James Cruze; "The Young Diana" (Marion Davies, Forrest Stanley e Pedro de Cordoba), dirigido por Albert Capellani; "If you believe it its So" (Thomas Meighan, Pauline Starke e Th. Roberts), dirigido por Tom Forman; "The bonded woman" (Betty Compson, Richard Dix e John Bowers), direcção de Philip Rosen; "The Top of New York" (May Mc Avoy, Mickey Moore e Mary Jane Irving), direcção de William Taylor; "Her gild" (Gloria Swanson, David Powell, Harrison Ford e Walter Hiers), direcção de Sam Wood; "Nice people" (Wallace Reid, Bebe Daniels e Conrad Nagel), direcção de William de Mille; "Blood and Sand" (Sangre y arena, de Blasco Ibanez), direcção de Fred Niblo (Rudolph Valentino, Lila Lee e Nita Naldi); "The Valley of Silent Men" (Alma Rubens), direcção de Frank Borzage; "The Siren Call" (Dorothy Dalton, David Powell e Mitchell Lewis), direcção de Irvin Willat; "While Satan Sleeps" (Jack Holt, Fritz Brunette e Betty Francisco), direcção de Joseph Henabery; "Manslaughter" (Thomas Meighan, Leatrice Joy e Lois Wilson), direcção de Cecil B. de Mille; "The Mysteries of India" (Mia May), direcção de Joe May; "Pink Gods" (Bebe Daniels, James Kirkwood, Anna Q. Nilsson e Adolphe Menjou), direcção de Penrhyn Stanlaws; "The Old Homestead" (Theodore Roberts como "estrella"), direcção de James Cruze; "Burning Sands" (Wanda Hawley e Milton Sills), direcção de George Melford; "The Ghost breaker" (Wallace Reid e Lila Lee), direcção de Alfred Green; "The Cowboy and the Lady" (Mary Miles Minter e Tom Moore); "To have and to hold" (Betty Compson e Bert Lytell), direcção de George Fitz Maurice; "The Man who saw to morrow" (Thomas Meighan), direcção de Alfred Green; "On the high Seas" (Dorothy Dalton, Jack Holt e Mitchell Lewis), direcção de Irvin Willat; "The Young Rajah" (Rudolph Valentino); "Arna Ascends" (Alice Brady), direcção de Joseph Henabery; "Clarence" (Wallace Reid, Agnes Ayres e May Mc Avoy), dirigido por William de Mille; "The Impossible Mrs. Bellet" (Gloria Swanson e Conrad Nagel), direcção de Sam Wood; "Ebb Tide" (Lila Lee, James Kirkwood, Raymond Hatton e George Fawcett), dirigido por George Melford; "Outcast" (Elsie Ferguson), direcção de John Robertson; "Singed Wings" (Bebe Daniels e Theodore Kestoff), dirigido por Penrhyn Stanlaws; "Back Home and broke" (Thomas Meighan), direcção de Paul Powell; "A daughter of Luxury" (Agnes Ayres), direcção de Paul Powell; "Kick In" (Betty Compson e Bert Lytell), dirigido por George Fitz Maurice; "Thirty days" (Wallace Reid), direcção de James Cruze; "The Spanish Cavalier" ("D. Cesar de Bazan"), com Rudolph Valentino; "Making a Man" (Jack Holt), direcção de Joseph Henabery; "Missing Millions" (Alice Brady); "Notoriety" (Bebe Daniels), direcção de William de Mille. Essa produção será entregue aos exhibidores de 1º de Agosto do corrente anno a 31 de Janeiro de 1923, "officialmente", conforme mandam as boas praxes do mercado cinematographico. Para o nosso mercado tem essa noticia excepcional importancia, pois que juntado-se a esta a produção já exhibida deste anno e a de 1921 que ainda não conhecemos, poderia a Paramount, se assim o desejasse, crear no Brasil mais uma linha de filmes, além das duas que já tem. Sabendo-se que em breves dias estará entre nós Mr. John Day, director do Departamento Latino-americano da Famous Players, é de prever que nos possa dizer alguma novidade sobre o assumpto, pois o representante da famosa marca, Sr. Vinhaes, quando algum lhe fala a respeito, limita-se a sorrir com malicia, olhando-nos através das suas lunetas, sem deixar que se perceba nada daquillo que quer guardar.

+ + +

Em "Someone to Love", o novo film de Thomas Ince, figuram Midge Bellamy, Cullen Landis, Noah Berry, Viola Vale, Harry Rattenbury, Lincoln Siedman, etc.

Em casa da baroneza Fern Andra

(WALTER R. HEHL)



tudo com minúcia e precisão, e quando se refere a um filme esmerilha-lhe o thema, a technica, a photographia, louvando esta scena, criticando aquella, condemnando aquella outra. Os elogios são mais raros, todavia.

Aconteceu alludirmos ao querido brasileiro, e ella, vendo que as suas produções preferidas, fez-lhe elogios, dizendo que essa selecção comprovava o seu bom gosto e educação artistica. Disse-nos ella então que conhecia bastante do Brasil, através de publicações lidas, postaes, illustrações de revistas e manifestou-nos o seu desejo de ir até esse grande paiz um dia, talvez por occasião das festas do Centenario.

O Sr. Grentner, aproveitando a oportunidade, fez-lhe então um convite official para fazer essa viagem

tadora palestra com que nos obsequiou, como viera a ter ao cinema, cerca de 10 annos passados, em New York. Ah! se encontrava ella com seus paes e tinha apenas 16 annos, trabalhando em uma companhia theatral de que eram elles os directores. Convidada a posar para uma foto, deixou-se logo empolgar pela arte muda e desde então fez-se bella escrava.

Sobre os papéis que prefero, disse-nos que



As nuvens pardacentas do céu de inverno começam a dar lugar aos tons azulinhos que com-go traz a primavera; os raios do sol, mais quentes agora, trazem as plantas dos lindos jardins borinexes o vigor que se expande em renovos, em botões que serão as flores de alguns dias mais tarde, assim como aquecem o sangue que corre mais celeri em nossas veias nesses dias lindos que marcam a mudança da estação.

Eram cinco horas quando o automovel em que iamos, o Sr. Grentner e eu, aquelle representante da firma Rombauer & C.a., do Rio de Janeiro, atravessou o Tiergarten, dobrou Hohenzollern Strasse, parando logo diante de um lindo paço de aspecto senhorial, em que vive a bella artista que todo o Rio de Janeiro conhece já e admira, a baroneza Fern Andra.

Fizemo-nos annunciar e depois de alguns momentos de espera fomos introduzidos em um grande salão, onde as ricas tapeçarias e artisticas faieças atraem logo os olhos, mesmo aos mais leigos em materia de arte.

Nas paredes grandes e soberbas telas, firmadas por nomes celebres. Conforto, arte, elegancia eram os caracteristicos desse apartamento, que se juntavam todos os requintes do gosto fino e apurado.

Poucos momentos passados a Fern Andra nos appareceu envolta em precioso traje de crepe da China, preto, com guarnição de vidrilhos. Sobre o collo desceu um magnifico collar de perolas disputava, com o seu rosos suave, o brilho das nacaradas espaduas que enfeitava. Nas mãos de alabastro uma serie de aneis de formas variadas...

Depois de trocarmos idéas sobre o momento cinematographico, sobre a produção, não unicamente alemã, como se poderia suppor, mas de outros grandes mercaos cinematographicos, conduziu-nos a formosa artista ao salão das refeições, onde nos foi offerrecida uma chavena de chá, salão que rivalisava com o de recepções, no seu luxo requintado.

A palestra borboletava, enquanto serviamos aos gozes, a perfumada bebida, voltando por fim ao assumpto que mais apaixonava Fern Andra — o cinema. Ella lê tudo quanto a respeito se publica e de tudo se mostra informada. Discute



am Setembro, mez em que os mares brasileiros são mais azues e o verde de suas matias mais v'çoso.

Com o mais gentil dos seus sorrisos accetou Fern Andra esse convite da firma Rombauer & C.a. Minutos depois a propria artista communicava aos jornaes da noite a noticia de sua viagem.

Levou-nos depois ao seu gabinete de trabalho, onde vimos a collecção de artigos, notellas e gravuras sobre a sua carreira artistica. Varios jornaes e revistas de todos os paizes, em todas as linguas... menos do Brasil, excepto em portuguez, isso nos entristeceu, deveras. Porque os amigos do cinema não produzem em correspondencia para com os artistas da Norte America, não guardam um bocadinho de suas expansões para com os europeus?

Fern Andra contou-nos na palestra, na longa e encan-



Algumas das mais recentes photographias de Fern Andra. Ao centro, as mãos finamente aristocraticas da bella artista entretêm-se com os seus lindos collares de perolas.



a empolgam os fundamente emotivos, os que prendem e retêm a atenção do espectador, pelos seus lances dramáticos.

Sobre os trabalhos que tem em execução no seu studio e sobre os futuros decorren longamente, ouvindo desejos de cinematographar dos autores brasileiros, citando M. de Assis e Coelho Netto entre outros.

Era tarde já e a uma crueldade prolongar por mais tempo a nossa visita, que valera por um interrogatorio inquisitorial. Como recordação dessas horas inapagáveis trouxemos da coleção de Fern Andra uma série de suas photographias mais recentes.

Eram oito horas quando o nosso automovel começou de novo a rodar pelas amplas ruas da capital alemã. No carro não falamos. E' que cada um de nós recordava, emborrecido ainda, os momentos, para nós tão fugazes, em que havíamos ficado sob o encanto da palestra de uma das mais cultas artistas que conhecemos e a fascinação de uma das mulheres mais formosas do Universo.

Berlim, Abril de 1922.

MAE MURRAY, depois de concluir os quatro films que tem contractados com a Tiffany-Metro, pretende voltar a acena falado e já já trabalhou quando do fim da guerra, em 1908, como co-riente de "Ziegfeld". Como dan-çarina, só em 1915 co-çou a bailar para o cinema.

O sucesso de Mae Murray para o teatro, são sumamente ambiciosos. De-seja interpretar algumas heroínas de Shakespeare, nada mais, nada menos, citando entre ellas Ophelia, Julietta, Desdemona, Catharina, Rosalinda, Viola, Beatriz... E' preciso de pouca coisa (não é le- genda do Pavão Dourado). E deixem estar que

ahi o typo calharia muito me- lhor, em nossa opinião

Filmando uma scena da no- va produção de Rex Ingram para a Metro, *Black Orchids*, Edward Connelly foi atrevido de subito pelo famoso orangotango Joe Martin, que o precipitou no solo mordendo-o cruelmente em uma das mãos, além de arranhá-lo em varias partes do cor- po. Foram preciosos os esforços conjugados de seis homens para arrancar o artista das garras do macaco enfurecido. Barba- ra La Mar, que estava em sce- na, foi brutalmente empurrada pelo mono, quando se precipitava sobre o actor, mas nada sof- freu além do susto.

Raoul Walsh vai também tra- balhar nos studios da Goldwyn, como já o estão fazendo Maurice Tourneur, Allan Holubar, Mar- shal Nolan e Rupert Hughes. Com esses directores, de grande fama todos, a cuja conta cor- rem alguns dos melhores films até aqui feitos, mostra essa em- presa as intenções em que está de executar a riscar o seu pro- gramma de só produzir grandes films, tanto pelo credito, como pela direcção e interpretação.

Leslie Baird soffreu recente- mente uma operação no Hospi- tal do Bom Samaritano, em Los Angeles. Espera-se que dentro de tres semanas possa ella re- tomar os trabalhos do novo film que está posando para os Asso- ciated Exhibitors, nos studios de Thomas Ince.

1) Julia Faye; 2) Mabel Julienne Scott; 3) Idem; 4) Betty Compson.

O homem que se casou com sua própria esposa

(THE MAN WHO MARRIED HIS OWN WIFE)

Film da Universal — Produção de 1922
Direcção de Stuart Paton.

DISTRIBUIÇÃO

O'Hara Mardsen	FRANK MAYO
John Morton	
Elsie Haynes	SYLVIA BREMER
Miss Muriel Blythe	Marie Cresp
O juiz Lawrence	Harvard Crampton
Freddie Needham	Francis Mc. Donald
John Mardsen	Joe Girard

John Morton era filho de uma das mais importantes famílias de San Francisco e, seguindo desde tenros annos o impulso de

Juntos se salvam e certos de que esse acidente lhes aponta um futuro commum, amam-se e desposam-se. Dois annos depois, porém, quando Morton já se fez senhor de aultada fortuna e exerce uma notavel influencia nos negocios da sua profissão, elle vem a descobrir que sua mulher já o não ama. O naufragio deixára-o desfigurado para o resto dos seus dias, e essa era talvez a razão por que sua esposa agora conferia a Freddie Needham, um individuo cujas capacidades mentaes se não comparavam ás do marido, as atenções que só a este deviam pertencer. John Morton, um homem de rija tempera, logo resolve porém subtrahir-se á penosa situação em que se vê pelo desamor de sua esposa. Deixa então todos os seus negocios em mãos de um advogado de sua

toma o seu verdadeiro nome de O'Hara Mardsen. Assenta então cultivar a educação social, a que não pudera antes se applicar, por isso que, aos quinze annos, fugira de casa para iniciar seu tirocinio na carreira do mar.

Recorre ao mesmo tempo á nova arte creada pela guerra recente, a cirurgia plastica, e assim adquire uma physionomia inteiramente nova.

Feito um novo homem, volta a San Francisco, resolvido a tentar conquistar, mais uma vez, sua esposa, mas encontra-a entregue por completo á sua paixão por John Morton!

Sem dizer a ninguem quem é, visita os escriptorios da "Blue Star", a grande organização maritima creada pelo seu trabalho e intelligencia, e encontra a empresa



Scenas do film "O homem que se casou com sua própria esposa".

sua vocação, acabara de se fazer capitão de navio.

Num naufragio que sobreveiu, sobre um madeiro que boia ao lume d'agua, encontram-se, companheiros de igual desdita, elle e uma rapariga de rara formosura.

confiança, faz que seja identificado como seu o corpo de um individuo que o mar jogou para terra, e assume a identidade desse individuo.

Morton regressa em seguida ao lar onde se passou a sua infancia, em Boston, e re-

prestes a naufragar, por effeito da má administração de Freddie Needham.

A sua iniciativa em breve salva porém a companhia, e Elsie, sua esposa, lhe dá o premio merecido, investindo-o na posse do amor que jámais deixara de ser seu.

DA ORIGEM DAS ESTRELLAS

Gladys Smith (Mary Pickford) estreou no Princess Theater de Toronto, Canada, em uma peça intitulada "Bootles Baby", a 21 de Janeiro de 1901, com grande successo. Tinha então cinco annos de idade, incompletos. Durante oito annos fez ella papeis infantis, representando "The little Red School House" (de Hal Reid, pae de Wallace), "In convict Stapes", "The Fatal Wedding", "Wedded but not wife", "For a human Life", "The warrens of Virginia", etc.

Em 1906, Junho fez o seu primeiro trabalho cinematographico para a Biograph.

Em Fevereiro de 1911 voltou ao palco para representar o papel de Terka, em "Seven Sisters".

Voltou para a scena muda, trabalhando na Imp e depois na Biograph. Em Janeiro de 1918 fez a sua ultima apparição no palco, na peça "A Good Little Devil". Desde então só trabalhou para o cinema e os triumphos que nelle obteve devem ser invejados por todos.

William Hart nasceu proximo de New York, em Newburgh, mas foi criado no Oeste. Foi andarilho. Sua primeira apparição em publico foi a 16 de Março de 1881, no Manhattan Athletic Club, de New York, correndo com Pendergast uma milha. Foi derrotado nesse e em outros "matches"; em 8 de Agosto, porém, em uma carreira de 1 hora, distanciou seus rivales, tendo nesse espaço de tempo coberto seis milhas seiscentas e sessenta jardas. Tinha 17 annos; donde se conclue

que elle nasceu em 1864. Só em 1889 fez-se elle actor. Entre os papeis por elle desempenhados citam-se Romeu, Iago, Macduff, Orlando, Napoleão, Armand Duval (!!!!).

David Wark Griffith chamava-se Laurence Brayington, e era actor que só fazia pontas em uma companhia dirigida por John Griffith. Foi assim que elle adoptou esse nome, ao entrar para outra companhia. Como o palco não lhe desse muito, fez-se elle agente de assignaturas da "The Baptist Weekly". Em 1900 voltou ao theatro, tendo desempenhado varios papeis, entre elles Simon Legree, da "Cabana do Pae Thomaz" e "S. João Baptista" na "Cidade Santa".

William de Mille foi instructor da Academia Americana de Arte Dramatica. Cecil B. de Mille quiz sentar praça cedo, mas sua mãe impediu essa aventura, provando que elle só tinha 17 annos. Por isso fez-se elle actor.

Allan Dwan estudou electricidade na Notre Dame University; Alan Crosland foi reporter do "Globe", de New York.

Mary Thurman foi professora. Varias estrellas foram modelos. Entre ellas Alice Joyce, Mabel Normand, Marguerite Courtot, Anna Q. Nilsson. Coristas foram Mae Murray, Marion Davies, Justine Johnstone Rubye de Reemer, Martha Mansfield, Kathryn Perry, Jacqueline Logan; Pauline Frederick passou p. côro também, e foi cantora em um Music Hall de Boston; e ainda coristas foram Elsie Ferguson, Katherine Mac Donald, Ethel

Clayton, Irene Castle, Mary Mc Laren, Billie Burke.

Em 20 de Setembro de 1897 estreou Douglas Fairbanks no Broadway Theater de Denver, em uma ponta do drama de Augustus Thomas, "New Blood".

Margaret Loomis e Carol Dempster foram dansarinas ambas. Betty Compson arranhava violino em uma orchestra de vaudeville.

Tom Mix e Buck Jones de rancheiros passaram a actores. Cullen Landis foi porteiro de theatro, expeditor de jornaes, carpinteiro de theatro, ajudante de operador, ajudante de director e finalmente hoje actor de fama.

Wallace Reid teve também uma etapa accidentada. Foi empregado de hotel, mecanico de uma draga, reporter, editor de revista, e actor da scena falada. Pearl White foi artista de circo, eximia no trapezio.

Ford Sterling foi "clown" de circo também. Da mesma sorte Will Rogers e Herbert Rawlinson.

Jack Holt esteve muitos annos em Alaska como vigilante em minas e depois como estafeta do correio.

Douglas Mac Lean estudou mecanica, que abandonou pelo palco.

Dorothy Gish cantou quando pequena, destinando-se á scena lyrica; Virginia Pearson foi bibliothecaria em Nashville; Madge Kennedy estudava pintura; Wanda Hawley foi pianista; Eileen Percy foi artista infantil e modelo; Richard Barthelmess sonhou fazer-se literato; Eugen O'Brien quasi foi boticario ou medico.



GEORGE WALSH

ANTONIO MORENO intentou demanda contra a Vitagraph, pedindo uma indemnização de alguns milhares de dollars, por quebra de contracto. Actualmente está trabalhando o galã hespanhol para a Goldwyn, no film *The Bitterness of Sweetness*, com Colleen Moore.



CLARA KIMBALL deve fazer cinco produções annuaes para a Commonwealth Film Corp. A primeira será *The Hands of Naris*.

Bought and Paid for, sob a direcção de William de Mille, será o novo film de Agnes Ayres para a Paramount.

Em *Across the continent* trabalhou com Wallace Reid, Mary Mac Laren.

O *chauffeur* de Colleen Moore de'xeu esse cargo, por isso que sua mulher herdou 20 mil dollars.

Os cinemas dos Estados Unidos pagaram em 1921 de alugueis de films às empresas editoras e distribuidoras 118 054 635 dollars (mais ou menos 944 437 080\$000), mais 1 604 382 dollars (12 835 056\$000 mais ou menos) do que em 1920. A renda desses estabelecimentos em 1921 foi de 826 330 938 dollars (6 610 647 504\$000 — seis milhões seiscentos e dez mil seiscentos e quarenta e sete mil e quinhentos e quatro mil réis), e os impostos pagos pelas entradas ascenderam a 82 633 093 dollars (661 064 744\$000).

Fascination, o novo film de Mae Murray para a Metro Tiffany, já está concluido. Nesse film figuram: Helen Ware, Creighton Hale, Robert Frazer, Courtenay Foote, Charles Lane, Vincent Coleman, Emily Fitzroy e Francis Puglia.

Renée Adorée Moore, mulher de Tom Moore, está na Fox trabalhando com Jack Gilbert.



1) Constance Talmadge. 2) Norma Talmadge.



OS FILMS QUE PASSAM NA BROADWAY

(Semana de 9 a 15 de Abril)

CAPITOL — *When Romance Rides*, da Goldwyn. Critica não muito favorável. O melhor do film consiste em exercícios de cavallos e os trabalhos de um cão policial belga.

RIVOLI — *The Good Provider*, da Cosmopolitan-Paramount, com Vera Gordon. Critica pouco favorável. "É uma reedição de *Humoresque*..." diz um dos jornais.

STRAND — *Pay day* (Carlito) e *The Woman he married* (Anita Stewart), do First National. Critica pouco favorável ao segundo.

CENTRAL — *Your best friend* (Vera Gordon), da Warner Bros. Critica pouco favorável.

RIALTO — *The Crimson Challenge* (Dorothy Dalton), da Paramount. Critica pouco favorável ao film.

Como se vê uma semana muito fraca, ou então os criticos de muito máo humor.

Os trajes desenhados por Charles Le Mair para Norma Talmadge em seu ultimo film, *Smilin' Trough*, dirigido por Sydney Franklin, reconstituem as modas de 1860 com grande fidelidade. Nesse film Norma interpreta dois papeis, um, daquella arredada época, e outro, de uma rapariga dos tempos que correm. Com ella trabalham Wyndham Standing, Harrison Ford, Alec B. Francis, Glen Hunter, Grace Griswold, Miriam Battista e Eugene Lockhart.

Nathalia Talmadge (Mrs. Buster Keaton), deve fazer com que brevemente Norma e Constance possam, sem offensa, ser chamadas de tias.

Mary Anderson solicitou divorcio do marido, Phinny Goodfriend.

Os salarios dos artistas cinematographicos nos Estados Unidos soffreram em principios deste anno 20 % de rebate.

Rumoreja-se na Filmlandia sobre o casamento de Marshall Neilan e Blanche Sweet.



Shirley Mason em varios papeis; Norma Talmadge ouvindo os conselhos do seu director de scena, sobre a forma de interpretar um papel.



ENID BENNET

O homem encoberto

MAN UNDER COVER

Film da Universal — Produção de 1922
Direção de Tod Browning

DISTRIBUIÇÃO:

Paul Porter George Hernandez.
Daddy Moffat Forrest Rawlinson.
Mayor Harper Wm. Courtwright.
Jones Wiley George Webb.
Chase Ed. Tilton.
Holt Langdon Gerald Pring.
Margaret Langdon Barbara Bedford.
Cel. Culpepper Willis Marks.
As crianças Helen Stone e Betty Eliason.



Um episódio do film.



Paul e Margaret.



Castigando um criminoso.

Paul Porter e Daddy Moffat, seu parceiro em excusas actividades, haviam voltado à velha cidade natal em que Porter se criara, e de onde partira alguns annos atrás.

Passaram uma vez e concluíram por fim, que não havia mais que fazer. Porter fora encontrado pelo companheiro Holt Langdon, editor do jornal da cidade, com uma falta de 25.000 dólares de que o haviam defraudado há algum tempo. Tentara salvar Holt, mas nada pôde fazer, havendo-se limitado a dispor o revólver em posição diversa e a tomar outras providencias por maneira a fazer a policia acreditar que elle perecera defendendo o banco de que era empregado, contra um assalto criminoso.

Foi tudo quanto acharam que pudessem fazer: uma boa acção. Mas, fizeram-na reflectindo que Margaret Langdon, irmã de Holt e antiga namorada de Paul, tinha tres crianças agarradas às saias.

— Nada mais a fazer! — disse Paulo a Daddy Moffat. — Vamo-nos embora!

Arranjaram então um automovel velho escangalhado e nelle conseguiram fazer uma retirada airosa. Foi então

rebre de Paulo se encasquetou uma idéa. Pouco lhe importava que o chamassem de patife, pouco lhe importava que Margaret estivesse casada: o certo é que elle não se ia embora, sem vel-a uma vez.

Assim deixou Moffat de ir da casa e entrou. Voltou pouco depois, correndo, e deu uma palmada nas costas do companheiro:

— Daddy, ella não está casada! Vamos, portanto, ficar aqui, e fazer vida direita os dois, e tomar sob a nossa direcção o jornal della.

Moffat olhou-o com ar desconfiado e ponderou:

— Não te parece que esse plural que empregaste, vaes ter que o converter em singular?

Mas Paul não o dispensa. Logo depois elle compra a Margaret o jornal que lhe deixara o marido e assim a livra de difficuldades materiaes immediatas.

Paul e Moffat fazem pouco mais tarde a descoberta de que dois vigaristas que operam na cidade se estão enchendo de dinheiro á custa dos incautos, com um plano por meio do qual fazem acreditar ao publico na fertilidade fantastica de certos poços de oleo. Os dois decidem castigar os vigaristas mediante a habil applicação de um conto do vigario equal ao que elles têm andado a applicar com tamanho exito. Com o auxilio de um advogado e de Culpepper, arranjam um poço falso e encenam tão flagrante, nte rebentamento de um "gusher", que os vigaristas compram o poço ao preço exaggerado, reclamado por Porter e o seu camarada.

Assim, Paul restitue as suas economias á gente humilde da villa defraudada graças ás criminosas manobras dos dois larápios. Vae depois procurar Margaret e conta-lhe a historia completa da sua vida. A esse tempo, a moça sabe em que condições exactas occorreu a morte trágica de seu irmão e perdoa a Paulo as culpas passadas. Mais tarde, no anno seguinte, Paulo e Margaret encenam a felicidade.

O MEU PRIMEIRO FILM

Por Wallace Reid

A principal lembrança que guardo do primeiro film no qual tomei parte é simplesmente... glaciante. Vive que mergulhar e nadar no Lago Michigan, cuja agua ainda é bem fria no começo de Maio.

O film estava sendo produzido pela empresa Selig, de Chicago. Fui contractado porque nadava bem e tinha de salvar varias jovens, aliás bonitas, antes de perecerem afogadas. A agua do lago tinha uma temperatura de gelo.

O film intitulava-se *The Phoenix*, que segundo a lenda, é uma ave que resuscita das suas proprias cinzas. Ah, se esse passaro, me tivesse coberto de cinzas, quando eu sahia do lago, ter-me-ia evitado muitos resfriamentos! Milton e Dolly Nobles, dois artistas da scena falada, eram os protagonistas e o cinematographista era Sr. Alvin Wyckoff, que é hoje o director photographico do studio Lasky.

Comparado com o de hoje, o nosso trabalho era bem differente naquela época. Muitas vezes principiavam o film, sem saberem como o haviam de terminar. O pu-

blico nunca reclamava. Frequentemente, o director servia de cinematographista e este representava como actor. Pouco se importavam com o incerto, porque era mais que certo vender bem o film, logo após concluido.

GEORGE MELFORD, O ECONOMICO

George H. Melford, productor dos films *The Sheik*, com Agnes Ayres e *Moran of the Lady Letty*, com Dorothy Dalton, acaba de dar um bom exemplo de economia aos outros directores da Paramount.

Em geral, um director emprega 150.000 pés de film para produzir um photodrama dos quaes só se aproveitam 8.000, qv o comprimento commum das pelliculas é de 5 e 6 partes.

Pois bem, o Sr. Melford, quando produziu *The Sheik*, utilisou 28.000 pés de film, dos quaes só se aproveitaram 7.800 pés para a tela. Melhorou este record na pellicula *Moran of the Lady Letty*, usando somente 22.000 pés de film para produzir 6.800 pés aproveitáveis. Em ambos estes films o papel de galã é representado pelo actor Rudolph Valentino.

VIRGINIA FAIRLIE foi victima de um abalroamento de automovel em uma das ruas de Los Angeles, ficando bastante machucada.

Gloria Hope e Wallace Beery trabalharam no ultimo film de Jackie Coogan, *Trouble*, agora terminado.

Isso foi ha alguns annos. Griffith conheceu Rudolph Valentino desempenhando uma insignificante ponta num film de Lilian Gish.

— Ah! está um rapaz que será famoso um dia, se tiver sorte — disse o grande director.

A sorte tardou, mas o vaticinio não fallhou.

As más linguas de Hollywood appellidaram os dois irmãos De Mille, Cecil e William, "Amor sagrado" e "Amor profano", em allusão ás suas preferencias pelos enredos.

O novo film de Pearl White é *The Broadway Peacock*. Seus companheiros são illustres desconhecidos.

Mulheres levianas

"Foolish Mothers"

Film da Associated Producers — Produção de 1921 — Direcção de Maurice Tourneur.

DISTRIBUIÇÃO:

Dr. Ian Fraser	Hohart Bosworth.
Georgia Wayne	Doris May.
Sheila Hopkins	Mildred Manning.
Annis Grand	Kathleen Kirkham.
A mulher misteriosa	Bethy Schade.
Mrs. Eugenia Sheridan	Margaret Mc. Wade.
Lafayette Wayne	Charles Meredith.
Anthony Sheridan	Wallace Mc. Donald.
Chester King	Michael Dirk.
Bobby	Frankie Lee.

OPINIÕES DA CRÍTICA

Esse film deve dar uma grande receita á bilheteria dos cinemas que o exhibirem.
Moving Picture World.

Estudos de tres caracteres, dando um excellent film...
Moving Picture World.

Enredo humano e bem architectado. Nelle ha, de facto, tres historias diferentes e o esforço de fazel-a desenvolver justamente, o que nem sempre é conseguido.
Exhibitor's Trade Review.

Excellentes artistas e enredo muito interessante.
Exhibitor's Herald.

De ha muitos annos que os homens de sciencia nos vêm dizendo que o mais forte instinto do homem é o instinto de conservação; mas nisto, como tantas vezes acontece, os homens de sciencia estão errados. Detenham-se um momento a pensar, e não de reconhecer que o mais forte instinto do homem é o instinto de ser feliz. Ser feliz — tal é o mais forte desejo de toda a humanidade, desde o Hotentote nú, que se torra ao sol tropical do seu paiz natal, até o perfumado peralvilho das chamadas sociedades modernas.

Estudem a vida de qualquer homem ou mulher que porventura conheçam, e não de ver que qualquer d'elles não faz outra cousa senão andar á cata da felicidade. E' bem verdade que a concepção do que seja a felicidade varia de homem para homem e de mulher para mulher. O que para um homem é uma felicidade intensa, é muitas vezes, para outro, pouco menos que desgraça. O alfarrabista, com os seus livros, realisa uma intensa forma de felicidade. As actividades que ao alfarrabista conferem tamanha ventura levariam, porém, ao desespero a maioria dos jogadores, do mesmo modo que as actividades de um jogador com certeza arrastariam á desgraça o alfarrabista. Sem embargo, ambos, a seu modo, o que procuram é a felicidade.

Observareis haver eu dito que todos os homens andam atraz da felicidade, e é nisso que está o mal. A felicidade não se conquista por meio dessa perseguição, nem tão pouco pela força, e quanto mais os homens e mulheres a perseguirem, menos

probabilidades têm de conquistal-a. Ha uma velha fabula que bem illustra o que vimos affirmando. Refere essa fabula que certo dia em que passeava num bosque encontrou um mancebo, ao sopé de umas altas montanhas, uma linda mulher, deitada sobre uns penhascos.

O primeiro olhar lhe bastou para reconhecer nella a figura da felicidade. Percebeu quem era a felicidade e immediatamente se adeantou a estreital-a nos seus braços, aproximando-se com um sorriso nos labios seductores, e o mancebo observasse que ella não tentava fugir, acreditou que ella fosse submissiva ao seu amplexo. Enganava-se, porém; pois, tão depressa della se apercebeu, debruçou para colhel-a nos braços, ella lançou-lhe uma olhada de arneio e fugiu-lhe.

Pezaroso e desolado foi o que lhe succedera, o mancebo, a felicidade um olhar de ceniza e de novo se lhe lançou no encalço, mas com sorrisos de mófa e olhares maliciosos, que lhe jogava por sobre o hombro, a beldade perversa partiu estrada abaixo, á frente delle, sempre sob a perseguição do mancebo pertinaz. Caminharam, caminharam, e a felicidade, finalmente, abriu caminho pela lombada do monte. Comquanto o pico se tornasse mais e mais penoso, e mais e mais penoso o seu esforço para subir, o homem, exasperado como estava, com a verdadeira tenacidade dos desesperados, proseguiu na sua caça á deusa fugidia.

Tão applicado e resolutto estava na sua perseguição da felicidade, que nem reparou que, no perseguiu-a, se haviam passado mezes e annos.

Chegou por fim um dia em que sentiu que lhe estavam faltando as forças, e como casualmente se lhe deparasse o seu reflexo nas aguas de um arroio da montanha, viu então que estava velho, que a barba se lhe fizera branca e lhe descia agora sobre o peito. Por isso deu por finda a sua perseguição; mas não tardou a perceber que a felicidade não mais lhe permitisse ir em pôs ua felicidade. Desesperado, cheio de pezar e de remorso pelo modo como desperdiçara a sua vida, o homem sentou-se numa immensa lage, perto do cume da montanha, e recostando a cabeça sobre o braço desfez-se numa torrente de lagrimas.

Nem elle soube quanto tempo ali esteve, quanto tempo chorou. De repente, porém, sentiu que uma mão leve se lhe pousava no hombro, e levantando os olhos, viu que era a felicidade que se lhe pousava ao lado, a olhal-o compassivam.

— Vê lá, homem, onde te conduziu a tua loucura! — disse. — A tua mocidade passou, estás velho e alquebrado, e muito embora passasses toda a tua vida a perseguir-me, nunca lograste alcançar-me. Vae-te: regressa á tua aldeia natal e dize aos filhos dos homens que não se ganha a felicidade a persegui-la. Dize-lhe que a felicidade vem de sua livre vontade áquelles que fielmente proseguem nas suas

costumeiras occupações e esperam o seu advento. Faze isto, e não terás vivido em vão, pois terás ensinado aos filhos dos homens uma grande verdade.



No gabinete reservado.



Expulsando a infiel.



Vigiando o marido.



A sedução.



Como se conheceram.



A experiencia theatral.



Vamos para o campo.



A obra da seducção.



Entre o medico e a antiga doente.

Retirou-se então a mão leve do seu hombro; cessou de se ouvir a voz suavíssima, e quando o homem levantou a cabeça, desalentado, verificou que a Felicidade havia partido.

A historia que nos propomos contar-vos é apenas um segmento arrancado à grande tela da vida, para que o leitor o possa estudar de perto e ver de que modo procederam tres mulheres na perseguição que moveram à Felicidade. Uma, porque seguiu a trilha do dever, obteve o que almejava. As outras duas, porém, porque tentassem obter pela força o que desse modo não se podia obter, só ganharam, para si mesmas, a desgraça.

As tres mulheres de que trata esta historia foram Annis Grand, uma actriz victoriosa, a que ganhou a felicidade; Georgia Wayne, uma mulher de pequena aldeia, com aspirações de grande cidade; e Sheila Hopkins, uma reporter de um jornal de Nova York. Ambas estas viram porém, terrivelmente malgrado o seu objectivo.

A popularidade, foi um dia victimada, grave accidente de automovel. Malhada, coberta de contusões e ferimentos, foi transportada ao hospital mais proximo, ficando o seu tratamento confiado ao dr. Ian Fraser, eminente cirurgião em Nova York. Mal recobrou sentidos, as primeiras palavras que lhe disse foram:

— Ficarei aqui para o resto da minha vida, doutor. — e a minha felicidade?

Calculando por estas perguntas que ella fosse a costumada mulher vaidosa e frívola, mais preocupada das suas vaidades do que de tudo o mais, o dr. Fraser deu-lhe qualquer resposta, um tanto cynica, e continuou a trabalhar. Quando, porém, o doutor veio a saber que Annis Grand era uma grande actriz e que a belleza era para ella uma questão de ganha-pão, mudou logo de opinião a seu respeito.

Annis Grand, ficou por algum tempo sob os cuidados do dr. Fraser, que com o correr das semanas veio a reconhecer a extraordinaria suavidade do character da sua doente, a comprehender que mulher admiravel era Annis. Mais tarde, o seu interesse por ella transformou-se em amor. O medico era de ascendencia escocesa e, como tal, tinha por norma fazer as cousas de vagar e com cuidado, de maneira que por algum tempo, elle não revelou o seu amor a Annis Grand; mas, certa noite em que, no camarim do theatro onde estava contratada, a actriz recebeu na caixa de rosas sobre as quaes dormia um cartão do doutor, Annis Grand soube que o amor que crescera em sua coração era retribuido pelo brilhante cirurgião.

Pouco depois de lhe ter enviado aquellas flores, o dr. Fraser fez propostas de casamento a Annis Grand, que as acceitou com o maior jubilo. Annis foi tão feliz no seu casamento como sonhara sel-o; mas, antes que um anno se passasse, ella começou a comprehender que seu marido estava trabalhando demais. Em silencio se affligiu por muito tempo com a sua descoberta; mas, realmente veio a almar-se a si mesma quando um dia, accidentalmente, administrando em si mesma uma injeção hypodermica de morfina.

Fiel á sua norma de caminhar direito no fim em todas as cousas da sua vida, Annis sem acrimonia, censurou o marido por se haver deixado escravizar ao uso daquelle toxico. Envergonhado, Fraser reconheceu o fundamento da accusação, e explicou-lhe que, exausto de forças, incapaz de arcar com o esforço do seu trabalho, recorrera por fim á morfina, como meio de galvanizar o seu organismo. Logo

depois desta confissão, curvou a cabeça para o chão, envergonhado. Annis debruçou-se amorosamente sobre a cadeira que o medico occupava, e tomou nas mãos, com meiguice, a cabeça do marido.

— Exigiste demais das tuas forças — disse a consolal-o — e agora, do que precisas é de um bom descanso. Quero que me leves contigo para o campo, onde possamos fazer uma vida tranquilla, onde tu possas encontrar o repouso que te é necessario. Não será preciso muito tempo para que te cures do terrivel habito que contrahiste, e recobres a saude.

— Mas, minha filha, se assim fizermos, que será da tua carreira? — interrogou o medico.

— A minha carreira é olhar por ti; amar-te, auxiliar-te em todos os passos da tua vida! A minha carreira és tu, e não quero maior gloria do que a de te amar, de te valer em todos os momentos! — respondeu.

— E's uma mulher extraordinaria, Annis! Deus nunca fez creatura mais bondosa, e jámais existiu, nem existirá, homem digno de ti! Seguirei sempre em tudo o teu conselho, mas que vas ser tambem da minha clinica, se formos viver no campo, como queres? — ponderou Fraser.

— Descansa. Temos o sufficiente para viver. De resto, para que não soffram as nossas rendas, bastará que tu vás á cidade quando houver alguma operação particularmente importante a executar.

Com lagrimas de gratidão nos seus bellos olhos, o dr. Fraser inclinou-se a beijar-lhe a mão, e esse beijo foi o selo do accordo a que chegaram. Muito pouco tempo depois do casal se instalar no campo, o dr. Fraser começou a revelar accentuadas melhoras em sua saude, e não demorou que o seu pernicioso habito fosse uma cousa do passado. Annis tinha agora muito mais tempo para gosar a companhia do marido, e a cada dia que passou, foi-se mais intima tornando a communhão mental e espirital dos dois. A joven esposa nunca se vira tão feliz em toda a sua vida, e breve raiou o dia em que ella sentiu em todas as suas fibras o acerto da escolha que fizera, e reconheceu ao mesmo tempo, que, renunciando á sua carreira, ganhara uma felicidade maior, do que jámais pensara obter em toda a sua vida.

Mais ou menos ao mesmo tempo em que Annis Grand estava sendo tratada no hospital dos ferimentos recebidos no desastre de que fôra victima, na pequena aldeia de La Fayetteville, Tennessee, Georgia Smith passava amargos horas, pois bem via que a sua villa natal não era campo em que ella pudesse realizar as suas ambições sociaes. Seus paes não eram ricos e não podiam, portanto, mandal-a para Nova York, nem para nenhuma outra grande cidade, e a unica perspectiva que ainda lhe restava era a de se casar com Lafayette Wayne, um joven advogado, muito trabalhador, mas a cuja vida, mesmo assim, não se abriam perspectivas das mais brilhantes. Revoltada contra a sua sina de vir a desposar um pobre advogado do interior, Georgia foi conservando á distancia "Lafe" Wayne, recusando-se a casar com elle immediatamente, mas deixando sempre aberta a porta atraz de si, para o caso possivel de vir a mudar de opinião.

Nos mezes que se seguiram á sua recusa de desposar Lafe, Georgia, de tanto se mortificar com a sua sorte, tornou-se petulante, irritadica e foi-se sentindo mais desgraçada, de dia para dia. Depois, um dia, veio parar á cidade uma companhia burlesca, e Georgia teve uma idéa. Foi ao

(Continua no fim da revista)

No fim do mundo

"At the End of the World"

Film Paramount — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Cherry O'Day . . . BETTY COMPTON.
Gordon Deane . . . MILTON SILLS.
Donald Mc. Gregor . . . MITCHELL LEWIS.
Harvey Allen . . . CASSON FERGUSON.
Terence O'Day . . . SPOTTISWOODE AITKEN.
William Blaine . . . Joseph Kilgour.
Yany Goro Kino.

OPINIÕES DA CRÍTICA

Interpretação por estrelas de fama e enredo atraente, devem tornar popular este film.

Wid's.

Os admiradores de melodramas fortes devem gostar muito e muito deste film.

Exhibitor's Trade Review.

Enredo melodramático um pouco desconcertante, mas que sem favor obterá boa classificação.

Motions Picture News.

Tem todos os matadores do drama falado, com certos cortes que lhe dão o sabor de novidade, parecendo novas as aventuras tão interessantes em terras estranhas.

Moving Picture World.

A "Lanterna de Papel" era o café mais desacreditado, a casa de jogo da peor reputação em toda Shanghai, quando della se fez proprietário Terence O'Day. Mas nesse antro de vício elle educara Cherry, sua filha, por fórma a fazer della um excellente auxiliar da sua occupação constante, a qual consistia em arrancar o dinheiro ao seu semelhante.

— Os homens são uns animaes! — prégava-lhe. — Diverte-te com elles quanto tiveres na vontade, mas conserva-os á distancia!

Creada nesse ambiente, sempre religiosamente fiel ao preceito a toda a hora repetido, a rapariga proporcionara ao pae um meio efficaz de augmentar de maneira desconforme a sua fortuna.

Picante, insolente, mas cheia de encantos, Cherry tinha a arte de seduzir a gente de todos os paizes, quotidianamente atrahida á "Lanterna de Papel".

Ocasões havia em que a sereia seductora fazia nascer affectos verdadeiros no coração dos homens, e Donald Mc. Gregor, segundo mestre de uma escuna mercante que de vez em quando tocava no porto, fôra a sua ultima victima.

— Amo-te, Cherry, e quero-te para minha esposa! — dizia-lhe elle sentidamente, certa noite em que estava em terra, de licença. Era um rapaz de idéas, actos e emoções muito primitivas, e com o fundo extremamente religioso, que lhe era inherente, comprehendendo-se que elle tivesse bem pouca experiencia, no que se relacionava com mulheres.

— Lisonjeias-me com isso! — retorquiu a rapariga — sempre é uma honra conquistar o amor de um homem de bem. Mas, a nenhum homem eu darei o direito de me chamar sua sem que primeiro me conven-

ça da sua franqueza, sem que o veja gastar o seu dinheiro como um verdadeiro fidalgo!

— Que não faria eu por ti! Iria ao inferno se fosse preciso! — respondeu Mc. Gregor, com ardor.

— Pois então vamos ao jogo, e quero que me mostres que especie de sangue te corre nas veias! — suggeriu Cherry.

O homem do mar suspende-a nos braços, e ella, para o animar, deu-lhe um beijo.

Mc. Gregor traduziu esse beijo por uma promessa, atirou-se aos azares do jogo como um desesperado, e limpam-lhe os bolsos até o ultimo cent. Considerou, porém, esse desfecho como um golpe de má sorte, e resignou-se philosophicamente.

No dia seguinte recebeu inesperadamente ordem de partir, mas nem por isso deixou de se ir despedir de Cherry O'Day.

— Em menos de um anno estarei de volta — disse-lhe e — conto que me esperarás, querida!

— Esperarei, sim — prometteu Cherry. Mc. Gregor partiu e tres dias depois a rapariga não mais se lembrava delle, nem da sua promessa.

Até essa época, Cherry fôra sempre uma namoradeira sem coração; mas, no dia em que Gordon Deane appareceu na "Lanterna de Papel", ella encontrou o seu Waterloo.

O joven viajante era um rapaz sympathico, viril — rico de fortuna e de bons principios. Escripitor por profissão, viera para Shanghai á cata de pittoresco e côr local, e estudava justamente o caracteristico ambiente da "Lanterna de Papel", quando viera a conhecer Cherry.

A filha de Terence O'Day sentiu em seu coração um delicioso abalo, quando encontrou cravados nella os olhos graves do escriptor. Ali estava, finalmente, um homem que não lhe mostrava amor, muito embora parecesse admirar-lhe a belleza e a argucia.

— Ora ali está um homem que eu era capaz de amar! — confessou a si mesma. Tão differente dos outros, — um verdadeiro homem!

— E' uma casa muito interessante esta sua! — disse-lhe Deane, observando os varios aspectos da espelunca elegante. — Seu pae teve um rasgo de genio, creando este retiro. E' um verdadeiro prazer perder dinheiro num lugar como este!

— O senhor disse-me que escrevia historias de aventuras? — perguntou Cherry. — Não me quer dar a conhecer alguma? — Tenho commigo um unico manuscrito. Venha até o jardim japonês, e eu lh'o lerei com prazer! — disse na mesmaancia de todos os escriptores, por impingir as creações do seu cerebro a quantos demonstram a minima parcella de interesse pelo seu trabalho.

Sentaram-se, então, numa bizarra ponte rustica, e ali, pagina por pagina, elle leu a Cherry a sua novella. Cada syllaba que a sua voz articulava era uma musica para os ouvidos da rapariga; cada olhar dos seus olhos profundos parecia acordar-

lhe no coração uma sensação nova e melhor.

Deane deliciava-se com a apparente innocencia da rapariga, com o seu arrebatamento infantil ante as situações da sua



„Gordon Deane appareceu na "Lanterna"...



Harvey Allen e Cherry.



Na casa de jogo em Shanghai.



No pharol, entre tres amores.

obra. Distraído, elle mal se apercebeu de todas as claras indicações, inconscientemente dadas por ella, de que se interessava não só pelo seu trabalho, como também por elle, especialmente.

Quando Deane finalmente, se despediu nessa noite, com a promessa de voltar, Cherry recolheu-se ao seu leito e, acordada, durante horas ficou a sonhar com elle. Ao dia seguinte despertou cedo, impacien-

te pela hora em que elle ficára de voltar. Mas o dia passou-se sem que elle apparecesse. Ao cair da noite, porém, um "coolie" trouxe-lhe uma carta sua.

Foi com amargo desapontamento que Cherry leu então estas palavras:

"Sinto muito, mas um negocio inesperado impede-me de ir visitá-la. Espero tornar a vê-la em algum dia futuro. — Gordon Deane."

— Talvez que elle nunca mais volte! — exclamou Cherry, alarmada.

Ignorante do paradeiro do rapaz, a rapariga soffreu por algum tempo as dores da saudade, e os clientes da "Lanterna de Papel" notaram a falta de sua gargalhada cantante, da sua animada conversação. Cherry sentia-se profundamente offendida. Puzera todo o coração em Gordon Deane, e perdia-o justamente quando começava a nutrir a secreta esperança de algum dia encontrar, ao seu lado, a felicidade!

Depois, foi um reviramento completo do seu sentir. Ansiosa por apagar no seu espirito a recordação do escriptor, lançou-se na vida alegre do café, com desespero maior do que nunca.

Uma das primeiras pessoas a quem ella conheceu, depois disso, foi William Blaine, um "roué" cosmopolita de alta cultura que havia pouco chegara a Shanghai para assumir o cargo de presidente de um banco.

Era um homem de importancia, cujo pessimo caracter uma espessa camada de verniz mal conseguia encobrir.

Casualmente levado por amigos seus a "Lanterna de Papel", Cherry lhe perturbou a visão, tal um cometa irradiante num céu recamado de estrelas. Quando o puzeram em presença do pae da rapariga, um olhar de surpresa lhe illuminou todo o semblante e gordinchudo, e elle caminhou de mãos estendidas ao encontro do jogador.

— Homem, esta — exclamou —. Pois não é que venho encontrar aqui Terence O'Day, o meu velho companheiro de academia! — Isto é que se chama uma surpresa! Estava tão longe de esperar te encontrar aqui, como estou livre de ser Papa!

— Lembro-me de ti, nos bons tempos de Oxford! — respondeu, a sorrir, o outro. — Era eu então, uma pessoa de boa familia e de elevada posição, Blaine. Mas arrastou-me até aqui a fascinação do Oriente; e agora que lhe cedi, acho que ella me anniquila, como tem feito a tantos outros da nossa raça! A unica coisa que ainda me liga ao passado é Cherry, a minha filha!

— Conheci-a ha pouco — disse Blaine. — E' uma linda creatura.

— A mãe morreu quando ella era pequenina — proseguiu O'Day — e fui eu que tive que a criar e educar. Mas a pequena ajudou-me muito na criação deste estabelecimento. E' uma rapariga estranha, um mixto de innocencia e de perfidia, como bem raro se vê. Com tudo isso, sabe olhar por si perfeitamente. Boa companhia para ti, se pretendes ficar algum tempo nesta cidade esquecida de Deus!

— E porque não lhe facilites conquistar um futuro, longe d'aquí? — perguntou Blaine. — Olha: minha irmã parte breve para a Europa em viagem de recreio e se deixares, que a pequena vá, será com certeza para ella, uma alegria. Deste modo o horizonte de tua filha se ampliará para além dos estreitos confins deste antro de jogadores!

— Effectivamente, eu não tenho sido tão bom para Cherry, como devia! — reconheceu O'Day, peraroso. — Falla com

ella, e se for do seu desejo, por minha parte não haverá obstaculo.

Blaine voltou-se para a moça, que os escutava:

— Então! Aceita? — perguntou em tom persuasivo.

Cherry achava a viagem muito de seu gosto; mas, quando viu a expressão de pesar no rosto de seu pae, sentiu-se abalada em sua resolução:

— Não, não deixarei meu pae! — declarou.

Blaine sentiu-se profundamente desapontado, pois por detraz da sua generosa offerta escondiam-se intenções ulterjores, que podiam tornar-se extremamente perigosas para Cherry O'Day.

Nesse momento souu uma altercação violenta na sala contigua: era um incidente de jogo que accendera uma das brigas usuas.

— Temos barulho sério — disse O'Day — Desculpa-me um momento: vou acabar com aquillo!

A correr, dirigiu-se O'Day para a sala de onde partiam as vozes alteradas. Era um rapazola extravagante que provocava a algazarra, e quando O'Day lhe appareceu, apontou-o aos circumstantes e poz-se a gritar como um possesso:

— Se eu estou arruinado, se eu estou desgraçado, a culpa é sua e de sua filha!

— Saia daqui, quanto antes! — ordenou-lhe O'Day.

— Pois sim, saio! Mas para que fiquemos quites, tome lá!

No ambiente denso da sala repercutiu, secco, um tiro de pistola. O'Day cahiu morto, e o joven assassino, galgando uma janella, desapareceu. Cherry, que percebera o que se havia passado, penetrou na sala com um grito selvagem, e lançou-se sobre o corpo de seu pae, a gemer sentidamente.

Blaine mostrou-se bom e muito attencioso para com a formosa orphã, no correr dos dias tragicos seguintes. Toda a fortuna de O'Day cabia agora a Cherry; mas a casa de jogo era negocio bom demais para que ella tivesse coragem de abrir mão delle.

Só agora no mundo, accitou, por fim, a offerta que lhe fizera Blaine para viajar com sua irmã, e conforme o que previra o banqueiro, essa viagem pareceu fazer de Cherry uma mulher inteiramente diferente.

Blaine sentiu-se louco de amor por ella e não tardou em offerecer-lhe casamento; mas a rapariga logrou afastar-o algum tempo pela sua stricta adhesão ao conselho, que tantas vezes lhe dera o pae, de conservar os homens á distancia. No entanto, não deixava de sentir-se grata a Blaine, por tudo quanto nessa emergencia fizera em seu favor. Esse sentimento acabou por despedaçar a barreira que os separava ainda. Finalmente, após um consentimento, não de todo espontaneo, os dois se casaram.

A sociedade de Shanghai, conhecedora dos precedentes da rapariga, recusou-se a crer que uma cerimonia legal os houvesse unido, ao tempo em que haviam habitado um com outro, como marido e esposa. Cherry depressa percebeu que as mulheres lhe torciam a cara e que os homens a tratavam com familiaridade dolorosa. Blaine tampouco precisou de muito tempo para reconhecer o grave erro que commettera, desposando uma pessoa de tal notoriedade.

— Tuão culpa sua! — disse-lhe um dia, no seu "boudoir", louco de raiva — Porque me incitou a casar consigo? E o re-

(Continúa na fim da revista)



Ouvindo o rumor da luta.



Era este o seu amado.



Já d'laste a Mc Gregor!...



No silencio da noite.

Pode o Amor mais que a Morte?

"Der müde Tod"

Film da Decca Bioscop — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Os jovens recém-casados	LIL DAGOVER
A Morte	WALTER JANSSEN
O burgomestre	Bernard Goetzke
O cura	Hans Sternberg
O tabellião	Karl Rückert
O medico	Max Adalbert
O professor	Wilhelm Diegmann
O alfaiate	Erich Pabst
O boticario	Hermann Picha
O cozeiro	Karl Platten
O guarda nocturno	Paul Reckhoff
O mendigo	Max Pfeiffer
A mãe	George John
A hospedeira	Grete Berger
O Califa	Lydia Potchina
Zobeida, sua irmã	Edward Winterstein
Aischa, sua confidente	Lil Dagover
	Erika Unruh

O derviche	Rudolph K. Rogge
O christão	Walter Janssen
O jardineiro	Bernard Goetzke

Mona Fiametta	Lil Dagover
Girolamo	Rudolph K. Rogge
O mensageiro	Lothar Müthel
O confidente	Edgard Pauly
Giovanni Francesco	Walter Janssen
A ama	Lina Paulsen
O negro	Lewis Brosly

O imperador da China	Karl Huxar
O magico A Hi	Paul Biensfeld
Tsao Tien, sua filha adoptiva	Lil Dagover
Liang, idem	Walter Janssen
O ministro das finanças	Max Adalbert
O carrasco	Paul Neumann
O archeiro do Imperador	Bernard Goetzke

Num valle de sonho
Certa aldeia existe
Que um casal risonho
Busca para amar...
Pela tarde triste
Tombam, no abandono,
— Lagrimas do Outomno —
Folhas secas no ar...

E na encruzilhada
De vereda e senda
Alguem, de longada,
Os espera já.
E' a Morte horrenda
Que ali se levanta,
Onde cousa tanta
Passa e passará...

Tarde livida de outomno. Lufadas intercedentes levam em torvelinho as folhas amarellas. Do poente jalde e rosa cãe a melancolia.

Ao longe, o velho campanario ergue aos céus, como um grito agudo de imprecação, a sua flexa fina. Os soluços sonoros do Angelus diluem-se no ar, morrendo em arquejos como morre o dia.

Quebra de chofre a paz ambiente o estrepito estardalhante de uma velha diligencia. E sob o estalido do chicote, ao trote largo dos cavallos soffregos, crinas ao vento e narinas fumosas, a traquitana guizalhante esbarra á porta do "Licorne de Ouro".

Acodem prestemente os albergueiros. A portinhola entreabre-se de subito, e do bojo escuro da mala-posta salta lépido um casal de namorados. São os primeiros, porque sempre o amor tem sede e pressa...

A locandeira, evocando as reminiscencias da mocidade distante, acolhe os noivos, depondo na mesa, em torno da qual os installa, a taça dos amantes, com sorriso malicioso. Da diligencia oscillante desce agora o terceiro hospede.

Sombrio, parece trazer aos hombros toda a pesada carga de tristeza e mal-estar do Outomno. Com tarde passo cruza taciturno a quadra e vae sentar-se junto ao par jucundo, que com visível repulsa delle desvia o olhar, medrosamente.

Já na encruzilhada, á orla da floresta, quando surgiu de repente o seu pé calçou o estribo da carruagem; como um presagio funebre as alimarias refugavam, trementes.

E ali dentro, naquella ambiente morno de hospedaria, a hora dos mexericos e commentarios, os notaveis da aldeia, olhando o forasteiro de soslaio, juntam as cabeças para susurrar...

Ninguém, com effeito poderia ver com bons olhos esse que adquirira com ouro abundante todas as terras destinadas pelo burgo-mestre ao augmento do cemiterio.

Certo o borbório era justo, porque um mysterio envolvia essa compra: — E' que o intruso murára o vasto terreno com paredes altas e espessas, sem portas nem portões. E em verdade tão sinistra era a expressão daquelle semblante singular, que a rapariga, transida de pavor, não

pôde mais sustentar nas mãos a taça da alegria, que, cahindo ao solo, se fez em estilhaços. Como um coração que se partisse, golfando sangue, a copa de crystal esparziu-lhe pelas vestes o mosto rubejante, que espumava.

E então ella guiou pressurosa para a lareira, afim de aquecer a roupa humedecida. Mas, já de retorno, em vão buscou o seu companheiro de jornada.

Desapparecera, sem se saber como, e com elle a lugubre personagem!...

Quem o teria visto? Que caminho tomara? Por onde, afinal, erraria o noivo estremecido? Desvairada, a pobre moça lança-se-lhe ao encalço, até que um farraposito mendigo lhe indica o rumo a seguir, porque lobrigara dois vultos que se apartavam de mansinho...

As horas passam. A sombra cresce. A terra envolve-se por fim no seu frio manto de trevas.

A joven caminha na escuridão... Caminha até chegar aos dominios silenciosos do estrangeiro. E tacteia ansiosamente todo o muro que os circunda. Exhausta de fadiga pára, anhelante. Mas, aos seus olhos attonitos, divisa, pairando no ar, fluidos erradios, como névoa solta, que ondulam, redemoiham, revolteam, tomando a pouco e pouco formas incorporeas de fantasmas. Legiões e legiões de lémures desfilam em longas theorias silentes, e como que se filtram através dos paredões macissos e intransponiveis, desapparecendo. E Anna Maria lobriga, enfim, no meio tumultuario dos espectros, a sombra do que fóra o seu noivo bem amado. Mas, semelhante ás outras, lá se funde ella tambem lá se dilue, como a neblina ao sol, deante do seu olhar afflicto, esvanecendo-se por traz das altas e negras muralhas.

E porque o sangue se lhe gela e o coração fraqueja e pára, a triste rola pelo chão, desamparadamente.

Assim, semi-morta, vem encontral-a, afinal, um velho boticario, que mesmo a horas tardias, anda á cata de ervas benignas que curem os males das creaturas de Deus. Solicito condul-a á casa, onde a conforta, levando-lhe aos labios cerrados um cordeal que a reanime.

Sobre a mesa em que ficára reclinada, a mão de Anna Maria topa um livro. Ao

tornar a si, ainda por entre a nevoaça do desmaio, distingue o titulo esbatido e tremulo: é a *Suprema canção*.



Tsao Tien e o Imperador.



O Imperador e a filha do magico.



Zobeida e sua confidente.

E os olhos doridos fixam-se no verso maravilhoso:

"O amor é tão forte quanto a morte",

e que parece foi ali gravado em letras de fogo.

Então o desejo infinito de crer na sentença poética assalta o espirito conturbado da noiva em viuvez.

E ella pergunta ao seu coração: — "Será possível?" E inquire da sua fé: — "Será, pois, verdade?"

Lá fóra, ao relento, passa o rondante. E o seu canto annuncia a hora fatal da meia-noite.

Anna Maria escuta a voz merencorea. Resoluta, apossa-se de um toxico mortal



Mona Fiametta.



O carrasco.



No harem: a luta.



Amante de um infiel.

que jaz entre varias drogas. Forceja por tomal-o.

Não lh'o consentem. E ella parte, de carreira, forte no seu querer, caminho da muralha sinistra.

Mas eis que a seus olhos assombrados se cava no muro impenetravel uma abertura, negra como um tunnel.

Ao limiar espera-a o Desconhecido, que com ella transpõe os humbraes do seu abrigo funereo.

E a pobre viu por todos os recantos da estancia mysteriosa, qual se fóra um enxame lucilante de vagalumes, myriades de velas, cujas chamas assopradas por uma bafagem glacial dansavam inquietas, estirando-se, contorcendo-se, dobrando-se. Estas — altas e arrogantes, essas languidas e débeis, aquellas já morrentes, em bruxoleios: — eram as imagens de milhões e milhões de vidas, que, cá na terra, amam e dominam em plena mocidade, no fastigio do poder; penam e soffrem, até que se vão afinal extinguindo nos vasquejos da agonia.

Porque o Cavalleiro Triste, ali presente, tetrico e sombrio, era a Morte, eterna e poderosa.

E Anna Maria soube então, pela bocca do Inexoravel, que a vela correspondente á existencia do seu noivo, não havia muita, pagára, consumida.

Alde a moça impreca e roga que, no presente, seja animada a luz daquelle vida. Mas em vão exôra e supplica, porque não ha mais attendel-a. E a Morte dá-lhe então tres lumes, conjurando-a, apiedada e compassiva, a que não deixe se apaguem á hora fatal da extincção de um delles.

E foi assim que Anna Maria veio a saber da historia das "Tres Velas", pelas quaes deveria zelar, afim de que não se apagassem.

+

HISTORIA DA PRIMEIRA VELA

Corresponde essa chama á vida de um subdito do Kalifa.

E' na Turquia. A festa do Rhamadan faz ferver o sangue dos crentes. A dança é um rito. Pelos giros, de rotação indefinida, á imitação dos astros, attinge-se ás altas esferas do extase, em que se pode, enfim, avistar o Sér Perfeito.

Eis porque os fanaticos rodopiam na terrível tarantela, doidamente, redemoinhando até que caem no estado gososo de graça. Sobre o clamor dos pifanos e dos adufes, dos pandeiros e das charamelas, paíra iterativamente o brado ameaçador e presago do almuhaden: "Allah é grande! E Mahomet é o seu Propheta!"

Mas no meio da turbamulta em delirio, alguém albeio á estranha lithurgia esquece o seu Deus, olvida as usanças do seu povo, deslembra o terrível castigo reservado aos apóstatas.

E' Zobeida, flor da Circassia, irmã do Kalifa, commendador dos Crentes.

Pensa no formoso Infiel, cujas palavras lhe tiravam para sempre o sonno doce sobre as almofadas de tafetá, ao som dos repuxos de prata que se desfolham como lyrio de crystal em piscinas de porphyro.

Recorda as feições do Estrangeiro, cujos passos desde longe a fazem desfallecer de amor. Evoca-lhe os beijos de fogo que desencadearam furiosas tempestades no sangue moço.

Onde andaria agora, longe dos seus olhos?

Mas, de repente, torna-se livida e perturbada. Ouve o proprio nome baixinho, num arrulho de chamamento como sómente elle sabia murmurar-o. Era elle, sim, que viera, affrontando a colera sagrada por

cima das alfanjas e cimitarras; era elle que transpunha o limiar do recinto nunca violado pelo pé dos infieis, e corria todos os riscos e perigos simplesmente para vê-lo!... como o desejava e queria assim, tão puro e heroico!

E, dêram-se as mãos num transporte e ainda não se haviam fartado de se mirar, penetrando-se no mais profundo da alma, quando mão fanática arranca de improviso, violentamente, o disfarce que o embuçava.

Descoberto, corre, defende-se, luta, porque Zobeida quer que viva.

Por isto, tão só! E triumpho, mata, ceifa!...

Mas de nada valera o seu arrojo, se no acceso da refrega, quando já vái talvez cahir respassado, a voz de Zobeida não tivesse paralyzado o braço agareno:

"Sus! Tende mão! Não profaneis o templo com sangue infiel!"

Escapára, ao influxo da voz amada... Mas agora, que todos saíam da sua aventura, cercal-o iam por certo ciladas e embustes, sem tregua nem quartel. E assim acontece.

"Quem com tredas falas poderia trazel-o aos jardins do Kalifa, tão suspeito andava o moço aventureiro de todos e de tudo?"

Assim pensava o commendador dos Crentes, cujas barbas derramadas sobre o peito, mal escondiam as pancadas celeres de vingança e de odio do proprio coração, ferido e ultrajado.

E é com promessas de paz e de perdão que de Zobeida mesma se utiliza para punir a audacia do forasteiro temerario. E elle vem, ao luar, vem pressuroso, acudindo á doce voz que o chama, como uma ave descuidada ao reclamo da companheira.

E ao livor espectral da lua, por entre incendio olente dos rosas, o jardineiro do Kalifa atira o corpo do amante infeliz para dentro de uma cova profunda. Baldadamente chovem sobre a cabeça inanimada as lagrimas ardentes de Zobeida; em vão ella o aquece de encontro ao seio estuante: — Elle jámais despertará...

E a vela, luzindo um instante ainda, tremula, vasqueja e... apaga-se finalmente.

+

HISTORIA DA SEGUNDA VELA

E' em Veneza, ao tempo da grande florada do espirito — a Renascença!

Até os frios canaes da rainha do Adriatico como se fossem braços amorosos, parecem arder latejantes, cingindo com ancia as insulas, que incendiadas estremecem e desvaíram...

O Carnaval põe no ar fremitos de loucura. Cada corolla acolhe um par amoroso de insectos; cada baleão é um thalamo nupcial; cada gondola é o refugio de idyllio culposos...

Em todos os olhos ha um lume estranho, em todos os labios um convite ou uma promessa, um beijo de posse ou de rendição...

O desejo e a infidelidade andam de mãos dadas por entre o torvelinho agonizante dos risos e canções sob o domo e a mascarilha.

Mona Fiametta, a mais bella flor da Italia, foi promettida a Girolamo, mas... já se dêra a Giovanni Francesco de corpo e alma.

Na rosa rubra, que, ás escondidas, entrega ao predilecto, põe todo o intuito desse gesto, pois é o proprio coração cheio de ardor e do perfume da sua paixão, que ella está a ofertar.

(Termina no fim da revista)

A Marca do Diabo

(THE DEVIL'S CLAIM)

Film Hawthorth — Produção de 1920

Distribuído no Brasil pela Universal.

DISTRIBUIÇÃO

Akbhar Khan	SESSUE HAYAKAWA
Hassan	
Virginia Crosby	RHEA MITCHELL
Indora	Colleen Moore
Spencer Wellington	William Buckley
Kemel	Sydney Payne
Salim	Joe Wray

Calhira a noite sobre Greenwich Village. Sentada a uma janella, fazendo vibrar o bandolim, Indora cantava uma extranha canção do Oriente que se casava bem com o seu aspecto, pois que bastava observá-la um pouco para logo se lhe attribuir a procedência oriental.

Pouco abaixo, na rua, parou um carro. Virginia Crosby, uma rapariga da sociedade, chamada ao ambiente bohemio de Greenwich pelos estudos sociológicos a que se dedicava, chamou a atenção do seu companheiro, Spencer Wellington, sobre a habilidade da cantora; mas Wellington limitou-se a sacudir os hombros, com indiferença.

Akbhar Khan era, em Greenwich, um dos raros escriptores a quem se podia, com justiça, attribuir um grande éxito. A melhor classificação que delle se poderia fazer consistiria entretanto em chamá-lo "um vampiro mental", pois de facto, graças ao poderoso magnetismo da sua personalidade, conseguia arrancar a quantos entravam em contacto com elle a narrativa dos mais interessantes lances da sua vida passada, e assim se fornecia do material necessario aos seus romances.

Indora amava Akbhar e com elle viveira a vida commum de Greenwich, des-respeitosa de todas as convenções. Mais tarde, quando viu que Akbhar se fartara della, Indora regressou a sua casa, com o coração dilacerado.

Virginia Crosby, numa das suas excursões nocturnas por Greenwich Village, veio a ter conhecimento da historia pathetica de Indora, e bem assim inteirou-se de que o amor de Akbhar não era senão um engodo por meio do qual elle angariava elementos para os seus romances e novellas.

— Deixa estar; hei de t'o trazer de novo — disse para Indora. — Prestar-me-ei a ser a segunda victima de Akbhar, mas só de mentira... Hei de batel-o no seu proprio jogo, para bem teu e delle proprio!

E assim succedeu que Virginia veio a conhecer o romancista, e logo começou a tecer um romance, — um romance do Oriente.

— Este *pendentif* que eu uso é nada menos do que o perdido sello da seita dos Adoradores do Diabo! — disse Virginia a Akbhar. — Conhecem-n'o pelo nome de "Marca do Diabo". Estou rodeada de inimigos que sacrificariam as suas vidas para conseguir este amuleto. Não obstante, tenho que continuar a usal-o por motivos que me é impossivel divulgar.

No correr dos dias, Akbhar embebeu-se da fantastica historia, e della tirou inspiração sufficiente para completar a primeira parte da sua novella, publicada pelo *Metropolitan Magazine*.

Este era o principio da historia, tal como a contou Virginia a Akbhar e que tão grande sensação originou quando publicada na *Metropole*:

Hassan Maruff, acompanhado por um guia, Salim, encontrou no abandonado templo de Seth, no Oriente, um amuleto conhecido dos archeologos sob o nome de "A Marca do Diabo". Na parede do templo, via-se uma inscripção egypcia que dizia: "Cautela! Quem retirar o Sagrado Talisman banhará as suas mãos em sangue!"

Quando Salim, que não era na verdade senão um dos Adoradores do Diabo, viu que Hassan se preparava para se apoderar do amuleto, logo o assaltou, mas veio a ser morto por Hassan. Hassan foi para Paris. Ali travou conhecimento com o afamado egypciologo Kemel-Bey que, graças aos poderes psychicos de Zora, a Grã-Sacerdotiza dos Adoradores do Diabo, descobriu que elle roubára o Talisman, e estava resollido a rehavê-lo para si mesmo. Com esse intuito despachou a Jang, um Adorador do Diabo, a quem dominava, para o hotel de Hassan, afim de que o matasse e o esbulhasse do amuleto. Jang viu porém mallogrado o seu empenho por Hassan, elle proprio, que o matou. Na mesma noite, Nadie, filha de Kemel-Bey, que surprebendera a trama machinada, foi, debaixo de espesso véo, ao aposento de Hassan, acompanhada de um ministro.

— Queres salvar uma mulher da suprema desgraça, salvar uma mulher que talvez, algum dia, te possa ser de grande auxilio?

Impressionado com a evidente angustia da desconhecida, assentiu Hassan e o casamento foi effectuado.

Alguns dias depois, porém, Hassan foi solicitar conselho a Zora e pedir-lhe que lhe revelasse a identidade da extranha mulher de quem fizera sua esposa. Na occasião em que Zora observava porém a Esphera de Crystal, o espirito de Salim appareceu a Hassan, que ficou aterrorisado.

— Sim, sou eu, Salim! — disse o espirito. — Volto aqui para negociar contigo, pois é da Lei Divina que aquelle que morre em defesa da "Marca do Diabo" pôde voltar em espirito á Terra! E eu te perseguirei sem tregua nem descanso, se tu não consentires que, durante um periodo de tres mezes, uma vez por semana, eu habite o teu corpo!

E quando o espirito de Salim finalmente venceu o seu, Hassan, voltando-se ironicamente para a vidente, disse-lhe:

— Acabo de ter a mais extranha das previsões: a de que algum dia te hei de matar!

"Porquanto era o espirito incarnado de Salim que fitava ameaçadoramente Zora, a sua antiga inimiga, a Grã-Sacerdotiza dos Adoradores do Diabo".

Assim rezava o ultimo periodo da primeira parte da "Marca do Diabo", por Akbhar Khan.

✱

As semanas subsequentes encontravam-se frequentemente juntos Akbhar e Virginia, aquelle empenhado em absorver o que havia de essencial na imaginação da rapariga. A segunda parte da "Marca do Diabo" preencheu inteiramente as grandes expectativas que a primeira fizera nascer. O espirito de Salim, habitando intermitentemente o corpo de Hassan, revelou-lhe que Zora, a Grã-Sacerdotiza, era a mulher com quem elle se casára!

Impellido pelo perverso espirito de Salim, Hassan preparou uma taça de veneno para Zora, a Grã-Sacerdotiza, e tele-

phonou depois a policia que acabava de assassinar sua mulher!

"No cubiculo de sua prisão, Hassan recordou vivamente as palavras fataes: "Quem retirar o Sagrado Talisman banhará as suas mãos em sangue!" e perfeitamente sentiu que, dentro em pouco, outras mãos se banhariam no sangue das suas veias".

Assim terminava a segunda parte da "Marca do Diabo".

(Continua no fim da revista)



Um dos raros escriptores...



E o sello da seita dos Adoradores do Diabo.



Hassan Maruff.



Hassan presa do espirito de Salim.

NO FIM DO MUNDO

(FIM)

snitudo, agora? E' que, com toda a minha importancia commercial e social, me vejo numa situação muito embaraçosa, originada por este malfadado casamento!

— Sinto muito, — retorquiu Cherry, desalentada. — Mas que posso eu fazer? Eu não o obriguei a vincular a sua vida a minha! Foi o senhor que exigiu esse passo definitivo! E agora que o seu capricho o cobre de vergonha, nem tem a coragem de lutar contra os meus calumniadores!

— Fui um louco, fui um louco! — repetia Blaine, exasperado.

Finalmente, retirou-se em grande exaltação, e Cherry desceu à sala de repouso, onde Harvey Allen, um dos jovens empregados de seu marido, deu com os olhos nella. Como a visse chorar, Allen aproximou-se pressuroso:

— Perdoe-me, senhora Blaine — disse — mas vejo-a assim afflicta, e deejava poder dispensar-lhe algum consolo.

Esse mancebo de ha muito se apaixonára por Cherry, e evidentemente andara a persegui-la com as suas mal acolhidas attentões. Mas, conquanto ella sempre o houvesse ignorado, tão opportuno era agora o seu conforto que as suas palavras despertaram um accordo sympathico naquella coação trabalhada pela dor.

— O senhor tambem se envergonharia de uma esposa com uma reputação infernal, igual à minha? — perguntou audaciosamente.

— Envergonhar-me da senhora?! — exclamou Allen com vehemencia. — Nunca! Um só sorriso seu seria para mim immensa honra, minha senhora!

— Pois bem! Estou cansada das imperfinencias de meu marido e vou voltar à minha antiga vida na "Lanterna de Papel", onde espero encontrar o por men protector. Já que não escapo da fama, quero ter ao menos o proveito!

E toda a sociedade excusa do Shanghai se sentiu surpreendida e encantada quando a joven servia, vestindo esplendorosas "toilettes" se poz de novo à frente do seu afamado estabelecimento.

Mais tarde, encontrou a maledicencia em thema generoso, quando percebeu que Cherry se divertia a brincar com os affectos do modesto empregado de banco que succumbira aos seus encantos. Allen sabia que precisava de dinheiro em abundancia para manter o seu papel e ir ao encontro de todos os extravagantes caprichos da proprietaria da "Lanterna de Papel". A braços com um pequeno ordenado, sem outro recurso com que fizesse face às despesas, Allen acabou por subtrahir alguns titulos do banco e lançou-se em especulações de seda, infuzido por uma indicação a que dera fé e que o devia arrastar à completa ruina.

Depois que se descobriu o roubo, não foi difficil reconhecer a responsabilidade de Harvey Allen, a quem Blaine mandou chamar.

Penetrando na bibliotheca, o rapaz, máu grão a sua perturbação, ponde ler, pelo olhar carregado de Blaine, que estava desolado o seu crime. Sentiu, então que toda o seu corpo se cobria de uma transpiração fria, que a lingua se lhe collava ao céu da bocca, que todo o esforço de defender-se ia ser inutil.

— E então? — trovejou Blaine — Nada tem a dizer em sua defesa?

— Não... não sei... o que... o que o senhor quer dizer! — tartamudeou Allen.

— Ladrão sujo! Metteste-te então a roubar o banco, hein?

Ao par de toda a paixão selvagem inspirada a Allen por sua esposa, lisonjeava a sua sede de vingança com o espectáculo daquelle rapazola tremulo, a empallidecer de morte, a encolher-se na sua presença, vencido por um desprezível terror.

— Está bem, sr. Blaine — disse em voz soturna, ao cabo de um minuto, durante o qual debalde buscara acordar os seus nervos para uma tardia reacção. — Vejo que o senhor sabe de tudo, e que de nada me valerá implorar-lhe compaixão!

— Só ha um meio do senhor se salvar — replicou Blaine. — Entregue tudo quanto roubou! Do contrario, metto-o na cadeia! Dou-lhe vinte e quatro horas; e só uso desta medida de tolerancia em consideração da alta posição que occupam os seus parentes, e pela pena que tenho delles!

— Mas eu gastei tudo! — confessou o rapaz, desesperado.

— Tanto peor para si! Agora vá-se embora e trate de cavar o dinheiro! E' preciso que m'o entregue amanhã a estas horas: senão, já sabe o que lhe succederá!

Allen retirou-se da sala, incerto no passo, com o olhar annuviado, como se jevasse uma venda amarrada sobre os olhos.

Com o seu desaparecimento ao dia seguinte, perdeu Cherry o mais fervoroso dos seus admiradores. Não lhe fez, porém, falta, porque muitos outros havia, ansiosos por precederem a Allen. Foi um desses que lhe arranjou convite para uma festa de caracter social dias depois. Era uma reunião muito jovial. Entre duas danças, Cherry sentára-se a descansar numa antecâmara, quando presentio junto de si a figura de um homem, ao mesmo tempo que uma voz masculina exclamava, num tom de sincero contentamento:

— Cherry, que alegria encontrar-te de novo!

Elevou os lindos olhos para a pessoa que falava e estremeceu, reconhecendo Gordon Deane. Levantou-se de um pulo, mal conseguindo suffocar uma analoga exclamação de júbilo:

— Tu... de volta... aqui? — disse a tremer, ao mesmo tempo, que o coração vibrava pelo escriptor o doce rebate de outra. — Que satisfação ver-te aqui! Por onde tens andado? Porque não me escreveste?

— E' que me chamou a voz da natureza! — respondeu o mancebo a rir. — Andei mettido por essas florestas de Deus! Mas, durante todo o tempo em que escrevi o meu livro de viagens, nunca me esqueci de ti! Disseram-me que estás casada com Blaine...

— Sim. — respondeu confusa — Com grande pesar meu, fiz-me esposa de um animal!...

— Ah! um máo casamento, hein? — fez com um accento de sympathia sincera.

— Fallemos de coisas mais agradaveis: onde estás hospedado?

— Vou-te contar: o meu genio aventureiro levou-me a aceitar um cargo de guarda-pharol, num local esquecido de Deus, aqui nas vizinhanças. Ali tenho todo o isolamento e paz de que preciso para escrever. Ha muita inspiração no meio ambiente e tenho esperanza de que o meu livro obtenha um grande successo!

Conversaram depois de outros assumptos, e no coração de Cherry resuscitou o amor, muito embora em seu coração ella trouxesse a magua immensa do seu casamento infeliz.

Deane via agora nella uma mulher ponderada e culta, senhora de novos encantos, o que concorria para que mais rapidamente augmentasse o seu interesse por ella.

Quando se separaram, foi com a pro-

mezza de Deane, de que a iria visitar a sua casa.

Foi justamente ao escurecer que elle appareceu e logo, com grande satisfação, Cherry observou que o escriptor lhe testemunhava agora uma attenção que dantes nunca lhe mostrara.

E estavam os dois absorvidos numa agradável conversação, quando, inesperadamente, os interrompeu Harvey Allen.

— Cherry! — exclamou o mancebo, com uma voz que dizia o seu terror. — Fiz um round no banco, mas só assim procedi para arranjar dinheiro para gastar contigo. Blaine descobriu o que eu fiz e exige-me a restituição da importancia do desfalque. Queres ajudar-me? Se eu não lhe pagar, elle mette-me na cadeia!

A rapariga, contrariada pela appareção de Allen, voltara-se para ver que effeito causaram em Deane as suas palavras; mas o escriptor retirara-se para a sala proxima, afim de deixar a moça em liberdade, na sua explicação com Harvey.

— E afinal, que pretendes de mim? — perguntou irritada.

— Que intercedas junto de teu marido, em meu favor! — supplicou febrilmente o rapaz — Sabes bem que o meu crime, só o pratiquei por ti. Tudo quanto roubei foi para ti! Nada para mim guardei, e se não foras tu, eu nunca me teria tornado um criminoso! E's, portanto, responsavel, tu, só tu!

Cherry dominava uma furia por demais evidente, pois bem sentia que as palavras do rapaz, mesmo com toda a sua pusillanidade, a prejudicariam no conceito de Deane.

— Eu nunca tive por ti uma parcella de amor, Allen! — proclamou irritada. — Aceitei-te porque vi em ti um refugio contra as injustiças e máos tratos de meu marido! Nunca te pedi nada, nunca esperei de ti, fosse o que fosse! Se te fizeste ladrão, eu de nada fui sabedora, e, portanto, o teu acto corre inteiramente á tua conta! Quanto a meu marido, nenhuma influencia tenho sobre elle, e, portanto, nada posso fazer!

— Abandonas-me, então, á minha sorte? — perguntou, horrorisado, Allen.

— Decerto! E porque não? Que tenho eu que ver com as tuas praticas criminosas? Queres, porventura, que eu seja cúmplice do teu roubo?

E após uma pausa momentanea:

— Faze-me um favor: vai-te embora, e não voltes aqui com essa esperanza de me obrigares a assumir uma parte no acto deshonesto que praticaste! Perderias o tempo!...

Allen desapareceu da sala, após essas palavras, asoberto de vergonha e de remorso, transido de recreio, amaldiçoando, de si para si, o malfadado dia em que havia conhecido aquella mulher sem coração.

Que teria pensado Deane? — reflectia Cherry. E ansiosa por saber, os olhos em fogo, as faces a arderem-lhe de exaltação e de raiva, passou à sala contigua, em que elle estava:

— Ouviste a nossa conversa? — contou, timidamente.

— A coisa é bem clara, — redarguiu o escriptor. — Nem ha mister de explicações! O pobre diabo, fascinado pelos teus encantos, viu-se forçado a viver num ré que os seus recursos não lhe permitiam. E então, para te poder proporcionar os teus prazeres, não hesitou em roubar!

— Mas reconheces que eu estou innocente de qualquer cumplicidade no seu acto? — perguntou ultrada.

— Não sei bem... Afinal tu viste pessoalmente que ella ia seguir por máo caminho, e nada fizeste para lhe desviar os passos! O teu procedimento não pode,

portanto, escapar ás mais severas censuras. De rapar é que eu tenho pena, na verdade, e vou tentar salvá-lo!

E deixou-a abruptamente, convencido de coração que ella era uma mulher perdidá e sem escrúpulos, que fazia seu joqueio o coração dos homens.

Cherry sentiu-se, com o coração dilacerado, entre as ruínas dos seus sonhos.

Deane realizou a sua promessa, e depois que indemnizou o banco da somma roubada levou o rapaz consigo e foram viver os dois na solitaria habitação do pharol. Quia Deane ainda um terceiro companheiro, e escolheu para tal Mc. Gregor, que acabava de regressar de viagem e se inteirara da triste historia de Cherry. O' Day.

Assim passou a casa do pharol a ser habitada por tres homens, cujos corações tinham soffrido pelo amor de Cherry.

— Não, não condemne a rapariga, pelo que me ouviu dizer-lhe — disse um dia Allen, a conversar com Dane. — Eu é que fui um poltrão, um desbriado, quando em meio da minha afflicção, procurei de-feza por detraz das salas de uma mulher!

— Quer isso dizer que foram injustas as minhas censuras a Cherry? — respondeu Deane com dolorosa surpresa. — Pois tenho pena de haver sido tão excessivo no meu rigor!

— Vamos, nada de sentimentalismos despropositados! — ponderou Mc. Gregor. — A pequena não é nenhum anjo! Não me promettera ella ser minha esposa, mal eu regressasse da America? E que fez, mal voltei costas? Casou-se com Blaine! Não, a rapariga é perversa e traçoieira, podem crer. E no espirito de Deane mais uma vez avultou uma secreta repulsa, uma repugnancia invencível, por essa aniquilladora de homens, creada no ambiente deleterio da "Lanterna de Papel".

Nessa noite levantou-se um temporal, e um navio naufragou sobre os rochedos, nas proximidades do pharol. Mc. Gregor estava de guarda á luz. Allen dormia, e Deane andava lá fóra ao tempo, percorrendo as escarpas em que, iracundo, vinha bater o mar.

De repente, agarrado a uma enxarcia, diviso o vulto de uma mulher. Resolutamente, atirou-se ás ondas enfurecidas, nadou na direcção do vulto feminino, em quem reconheceu Cherry, á luz momentanea de um relampago.

Surprehendido, agarrou-a, nadou para terra, carregou para a habitação do pharol o vulto desacordado e gelado de morte, e depositou-o sobre o seu leito.

Cherry voltou a si, e quando distinguu quem era o homem que tinha á cabeceira, quasi desmaiou de novo.

— Estranho capricho da sorte, este! — murmurou por fim.

— Dir-se-ia que não nos podemos separar de ti — disse Deane.

— Não posso comprehender — disse cansadamente. — Divorciei-me de Blaine e parti á tua procura. Eis, porém, que o meu navio naufraga e o Destino me arrasta para junto de ti! Melhor assim: afinal só me lancei nesta viagem, pelo desejo de te provar que não sou a mulher que tu perdeste, Gordon Deane!

— Sim, eu já vim a saber que te condemnei injustamente! — respondeu o escriptor com brandura. — E sinto dentro de mim, uma vez mais, que te amo com paixão. Mas, Mc. Gregor, que está aqui, convenceu-me de que tu não tens coração!

— Coração tenho, mas nunca bateu por elle — protestou debilmente. — Animei-o, é certo, mas só por motivos de interesse commercial. Sabes bem que meu pae, homem de poucos escrúpulos, fazia de mim uma isca para attrahir os homens e leval-

os a arruinarem-se em sua casa de jogo. Donald McGregor foi um dolles, um simples accidente em toda aquella perversa tática, de que eu fazia parte.

O fragor da tempestade despertara Allen, que agora apparecia de improvisó a Deane e Cherry. A presença della maravilhou-o visivelmente.

— Com que então, também estás por aqui? — disse Cherry amargamente.

— Foi graças a Gordon Deane que escapei de ser um criminoso! — respondeu o mancebo. — Foi elle que fez de mim um homem, Cherry, e abençoó a Deus que te mandou aqui — accrescentou cahindo de joelhos, junto de Cherry — porque queria pedir-te perdão de me ter portado perante ti como um homem desbriado!

Cherry depressa lhe perdoou. Afinal, a confissão que Allen fizera a Deane deixára patente ao escriptor que Cherry não era tão má como lh'a haviam pintado. Do seu lado, Cherry sentia avigorar-se em seu coração a esperanza de conquistar o homem amado.

— Está bem. No que diz respeito a Allen, estou convencido. Mc. Gregor está também aqui commosco, Cherry, e na parte que lhe diz respeito, não creio que tu possas refutar as allegações de perfidia que elle te faz!

Cherry sentiu que se desmoronava o castello das suas esperanças.

— Mas, Donald nunca significou para mim cousa nenhuma! — affirmou. — Eu nunca lhe prometti que casaria com elle!

— E' que não levaste em conta as suas crenças religiosas! — replicou Deane tranquillamente. — E essas crenças estavam todas reunidas no amor que elle te consagrava. Se falas com sinceridade, aconselho-te a proclamar, na presença de Donald, que o não amas, pois elle está convencido de que te sacrificaste, como uma martyr, desprezando Blaine, a despeito do verdadeiro amor que lhe votavas, a elle!

— Pois panham esse idiota em minha presença! — retorquiu corajosamente a rapariga.

A singularidade da situação não a intimidava. Nesse mesmo momento, Donald vinha descendo as escadas, e Deane deixou-o a sós com Cherry, para que, sem outras testemunhas, se explicassem.

O marujo deixou-se avassallar por uma estranha perturbação ao deparar com ella, e agradeceu a Deus o apparente milagre que fizera:

— Foi Deus que te enviou junto de mim!

Tão pasma e assustada se sentiu Cherry ante o fanático fervor religioso do homem de mar, que não ousou fazer um movimento; mas, foi Donald que, de chofre, a agarrou nos braços e lhe cobriu as faces de beijos.

Apertou-lhe o terror o coração, ante aquelle rosto illuminado pelo religioso arrebo, a que se associava o immenso amor que elle lhe tinha. Libertou-se, porém, bruscamente dos seus braços e lobrigou á porta Harvey Allen, cujos olhos não se separaram do seu vulto. Depois, como se retirasse, Allen foi atraz della.

Mc. Gregor, recobrada a sua calma, observava agora tudo. Sabedor de como Allen a idolatrara, sentiu-se presa de um ciúme furioso e lançou-se sobre elle, com a raiva de um tigre. Mas Allen lançou-o por terra e apertou-lhe nos dedos a garganta.

Nesse momento, entrou Deane, que arrancou das mãos de Allen a sua victima.

— Livra-me des'es homens! — exclamou.

— Foi Deus que te enviou para junto delle. Deane voltou-lhe um olhar de gelo, e evitou-a. Donald, subjugado por então, levantou-se do chão.

— Vês bem qual é o teu dever! — disse Deane em tom categorico.

— Mas eu só te amo a ti! — supplicou Cherry. — Sinto-me envergonhada de todo o meu egoismo passado. Deus, Deus bem sabe como é grande e sincero o meu arrependimento!

Deane sentiu accelerar-se o rythmo do seu coração. Estava positivamente apaixonado por ella agora; mas era, ainda esse momento, um homem de firmes principios.

— Dize a Donald toda a verdade, sem o que não poderás ter esperanza na minha affeição! — declarou-lhe repetidamente.

— Não me abandones! Seria o mesmo que matares-me! — soluçou Cherry, lançando-lhe os braços ao pescoço, a soluçar como uma criança.

Mc. Gregor observou a scena e todo o seu ciúme se voltou então contra Deane. Começou, depois, a ter suspeitas, de um outro dos seus companheiros, e entrou a agir, como um demente.

— Farás o que te aconselho? — exigiu Deane.

— Em outra occasião — implorou Cherry, alarmada pelos olhos que Donald não despregava della, certa de que seria morta se o deagilludisse.

Com uma expressão contrahida, Deane subiu a escada.

— Vamos conservar as luzes accensas, para evitar outros naufragios! — disse. "Donald, vae tratar dos machinismos; Allen ficará commigo, a auxiliar-me."

Deixaram-n'a só, e com um suspiro de allivio, ella enterrou o rosto nas almofadas, onde adormeceu chorando. Depois disso, houve em todos os homens um profundo constrangimento. O temporal prolongou-se por varios dias, durante os quaes elles estiveram occupadissimos pelas suas obrigações, e Cherry se distrahia a cozinhar para todos e a pôr a casa em ordem.

A rapariga conservava-se silenciosa e pensativa. Comprehedia sem duvida que o unico meio de levar ao seu desfecho aquella dolorosa situação, consistia em affrontar a cohera de Donald, dizendo-lhe a verdade.

Na noite em que ella assentou essa resolução, convencida de que McGregor estava em cima, na torre, a attender á luz do pharol, subiu as escadas para se explicar com elle. Mas, Cherry não attendera á rotação regular dos quartos de serviço, e assim, na sala da lampada, quem ella encontrou, em vez de Donald, foi Allen.

Instantaneamente reviveu o affecto que elle lhe tinha, e antes que Cherry lhe observasse o impeto, estava segura em seus braços.

— Tu pertences-me, Cherry, contra tudo e contra todos! — repetia Allen, transtornado.

— Soccorro, soccorro! — gritava a pobre, transida de medo.

Em baixo ouviu-lhe os gritos lancinantes Donald, que logo galgou as escadas e penetrou na sala, numa furia de maníaco.

— Ah, cachorro! — grunhiu. — Esta audacia ha de custar-te a vida!

Atirou-se contra Allen e os dois corpos se enovelaram um no outro. Começou entre os dois uma luta terrível. Pelejavam furiosamente á volta da sala toda, e irrigando sempre, transpuzeram a porta que dava para o varandim que rodeava a capella. Ahi, os esforços de um e de outro contra a grade franzina, fizeram-n'a estalar e passado um momento, com pragas tremendas, enrodilhados sempre, os dois se precipitaram no vazio, para cahirem pesadamente sobre as escarpas que negrejavam, em baixo.

Cherry repetia os seus gritos de angustia, e Deane, alarmado, appareceu a correr. A rapariga, corajosa, procurara lançar a mão aos dois homens para os salvar.

var da morte, e fôra derrubada da plataforma. Conseguira, porém, aferrar ainda uma parte da grade que ficara intacta, e pendia abandonada, numa altura de cem pés sobre as rochas fataes.

Deane appareceu, e ao vê-la em tal situação, quasi se lhe paralysoou o coração. Depressa porém, lhe lançou a mão e a suspendeu para a plataforma, deixando-a em segurança.

— Ambos mortos! — commentou perscrutando o abismo tremendo.

— Foi minha culpa, sim, minha culpa! — soluçou Cherry — Brigaram por minha causa. A grade partiu e elles cahiram! Tentei salvá-los; mas, ao cahirem, lançaram-me por terra, e quasi me levaram consigo!

— Felizmente estava aqui para te socorrer! — murmurou Dean a limpar-lhe o suor da fronte. — Mas, que fazias tu aqui?

— Tinha vindo para revelar tudo a Mc. Gregor!

— Mas, então, é que cahiste em ti mesma, e te arrependeste da verdade? — exclamou Deane radiante de alegria, apertando-a carinhosamente nos braços.

— Sim; caí finalmente, em mim mesma, e serrei d'ora avante uma mulher honrada, de quem não terá homem algum que envergonhar-se!

Deane debruçou-se para ella e beijou-a com deleite:

— Aqui ficarás, neste fim do mundo, connigo! — disse o escriptor. — Aqui partilharás conmigo das responsabilidades de guardar viva esta luz que aponta aos navegantes a tranquillidade e a segurança. E quando vier o rebocador com a escolta que nos rende, tu e eu daqui partiremos, Cherry adorada, e a nossa vida futura será um longo sonho de paz, de felicidade, de contentamento eterno! Então, em vez do fim, será para nós o principio do mundo!

PODE O AMOR MAIS DO QUE A MORTE?

(FIM)

Mas o noivo adivinhou-o muito antes que tivesse visto.

E o que descobriu depois naquella semelhante formoso, foi mais do que repulsa, mais do que odio, porque aquelles olhos negros se incendiaram com um lumareo homicida.

Sim, ella por certo o sacrificaria aos beijos de Giovanni... E o seu sangue ferveu de ciúme e desesperação. A entrevista que Fiametta lhe concedera não seria portanto, de amor, mas de morte.

E então enviou ao rival feliz o convite aziago, affirmo de que a traidora punisse em si mesma o engano, a mentira e o dolo, mandando arrancar a vida a quem a propria existencia quizera dar.

E Giovanni Francesco corre em logar do outro, á cilada fatal para succumbir ás mãos do monstro, escravo fiel da belidade terrivel...

E, assim, o Destino, sem que nada pudesse valer, soprou violentamente sobre a segunda vela, extinguindo a chamma que brillava forte...

HISTORIA DA TERCEIRA VELA

E' em Pekin, no palacio de verão, em frente á ponte rendilhada de marmore, que dá num parque, onde pompeiam flores e plumagens.

O soberano do Celeste Imperio, cansado de philosophar, enquanto acompanhava com a mirada arguta os meandros de um papagaio de seda, que cabecia no ar, recolhe-

se ao salão, para repouso das fadigas de pensamento e distracção das arduas tarefas do governo.

E' porque vê em toda parte a concussão, o peculato, a subserviencia e a ingratiidão, e porque vive entre a felonía e o interesse, entre ambições desmesuradas e intrigas soezes, manda vir á sua presença um mago, affirmo de que o divirta com os seus passes, arrancando-o da melancolia em que jaz, pelo conhecimento que tem dos homens.

Talvez que a arte subtil do prestidigitador possa tirar ensinamento para illudir tambem os cortejos soletres.

Mas eis que o philosopho se transforma subitamente em amoroso: E' que, ao influxo da vara magica, surge aos seus olhos, deslumbradora e pubescente, como uma rosa rosea, uma figura de mulher que é levada ao Imperador pela mão de Tsen-Hi, filha formosa do Mago.

E como o velho monarcha imagina que somente no regaço morno das duas moças poderá encontrar o socego almejado, impõe logo ao subito que lihas de para repouso da sua cabeça fatigada e alegria dos seus olhos.

Mas não consente o pae amoroso que esse lemoso labio chegue um dia a manchar a tez de petalas das jovens e pelo poder do seu condão transforma-as em varios objectos, affirmo de as subtrahir á posse do monarcha.

Mas, sob a visada segura do Archeiro Imperial, cahê trespassado o desditoso magico.

Nesse instante apaga-se a ultima vela que Anna Maria tinha que resguardar.

✱

A MORTE VENCIDA

Mais uma vez a Morte vence a arrogancia e a fragilidade humanas.

Anna Maria pede-lhe ainda um pouco de ventura, aqui, na Terra. Tocada, afinal, pela dor sincera daquella creatura tão fragil, a Inexoravel accieita que a moça lhe leve outra existencia em troca da que lhe foi roubada.

Que não faria a triste orphã do amor para rehaver o bem perdido?

Demente, torna á casa do Boticario que a soccorrera, e, sem remorso, utiliza-se de um veneno para immolar a sua paixão.

Mas esta existencia defende-se, agarrada aos soffrimentos, ás privações, ás desillusões deste mundo, e o veneno é arrebatado daquellas mãos crispadas e quasi assassinas por amor do seu amor.

Escoarçada foge tropeçadamente, ao azar do destino.

A uma esquina, sordido, sob a geada, vê um aleijado, que se roja pelo chão, faminto e maltrapilho.

— "Dá-me a tua vida! De que te serve viver assim?"

Mas o aleijado afasta-a com raiva e lança-lhe o cão feroz que o defende e guia.

Em desatino crescente entra á Casa da Velhice, e a cada um desses entes engelhados, tremulos, na semi-decencia da senilidade, implora, voz em grita:

— "Qual de vós, troncos apodrecidos e que não florescerão; qual de vós me querará conceder a vida já inutil e vazia deste mundo?"

Mas a esse rogo os ancãos erguem um clamor de revolta, porque assim mesmo enfermos, tropeços, miserimos, querem viver ainda!

E horrorizados, como se temessem ser atingidos pela morte, fugem espavoridos, no atropello da luta por farrapos desprezíveis de existencia.

E no tumulto da fuga, no desvario da escapada, ateam o incendio no asylo que as chammass vorazes em breve consomem.

E da catastrophe salvam-se os velhos todos!

Mas alguém se quêda ali immovel! E' uma creança recém-nascida que o fumo do incendio suffocou.

E' afinal, a vida desejada para a transacção com a Morte! E Anna Maria atira-se no brazeiro, levando nos braços o corpinho inanimado.

E quando já ia deixal-o no gélido regaço da Inexoravel, escuta as lamentações da pobre mãe em desespero, ouve as palavras de dô que somente os corações maternos sabem dizer, e estaca vencida no seu designio.

Não! Por semelhante preço não quizera comprar a sua felicidade, lançando no luto e na agonia outro coração almejado.

E collocando ao peito da mãe desolada a sua doce creatura, penetra com passo resolutivo na crypta sombria, onde repousa para sempre o seu noivo bem querido.

Não quiz o Destino que juntos amassem, soffressem e se consolassem aqui no mundo; mas não poderia impedi-la, agora, que fosse ao encontro do seu prometido para com elle se juntar por toda a eternidade.

Porque bem verdade é o que disse Salomão, rei dos reis, no "Cantico dos Canticos": "Põe-me a mim como um sello sobre o teu coração, como sello sobre o teu braço. O amor é forte como a morte. O zelo do amor é inflexivel como o inferno: as suas lampadas são umas lampadas de fogo e de chamma".

MULHERES LEVIANAS

(FIM)

empresario da "troupe" e pediu-lhe um logar entre as suas artistas. O empresario da companhia examinou-lhe os attractivos physicos, viu-a exhibir os seus "talentos", e prestou pacientes ouvidos ao que ella lhe quiz dizer. Depois, respondeu-lhe:

— A respeito de formas e de cara, não estás mal, pequena, e muito embora não sejas nenhuma Patti a cantar, nenhuma Pavlowa, quando danças, talvez pudesses dar conta do recado. O diabo é que não tens nada dentro de ti. Como te hei de explicar? Não tens aquillo a que as grandes estrellas de theatro chamam personalidade. Não sei bem como traduzir-te esta palavra; mas em todo caso é um "não sei que" que tu não tens. Olha: sabes o que deves fazer? E' casar-te com algum typo bom, arregimentar-te nas hostes matrimoniaes. Vida domestica, vida domestica, pequena! Com certeza terás mais glorias na cozinha a fazer panquecas, do que no palca, a dançar "rag-times"! Isto é fallar-te com franqueza. E agora, vae-te embora, sim? Tenho muito que fazer.

Informada deste modo, em termos categoricos, das probabilidades de gloria que lhe offercia o tablado, Georgia reconciliou-se muito mais com a idea de vir a ser esposa de Lafe Wayne. E assim, quando, pouco depois desta sua rapida experiencia theatral, elle lhe foi annunciar que lhe fôra offercido um logar importante em Nova York, e lhe disse que o accieitaria se ella consentisse em desposal-o, com o maior jubilo accieitou a proposta.

Georgia, ao desembarcar em Nova York, considerou que chegara a hora de realizar as suas ambições; mas, logo depois verificou que o ordenado que Lafe recebia, vultinso como pareceria na aldeola de onde haviam os dois vindo, mal lhes bastava para viverem decentemente em Nova York. De novo, então, se sentia profun-

damente infeliz. Foi justamente no momento em que o seu animo attingira o maximum da depressão possível, que Chester King surgiu na sua vida. Chester King era um organizador de negocios, extremamente rico, que allegava ter por mania interessar-se por gente moça. A firma para que Lake trabalhava estava muito desajustada de lançar a mão a certas empresas commerciaes de King, se pudessem; e assim, fazia tudo ao seu alcance para induzir Lefe a cultivar as relações do opulento "brasseur d'affaires". O leitor decerto já adivinhou que Chester King não era tão desinteressado como queria parecer, e que o seu verdadeiro interesse não se dirigia ao casal como representante do tipo de "gente moça", tão de sua sympathia... Homem do mundo, profundamente experiente, elle já mais deu, entretanto, a conhecer quem lhe interessava, de facto, era Georgia Wayne, de quem esperava fazer algum dia uma das suas muitas victimas.

As varias phases da perseguição que Chester King moveu a Georgia Wayne são sufficientemente interessantes para que justifiquem que as descrevamos pormenorizadamente. Ao demais, assim illustraremos os processos de que se serve uma classe extremamente perigosa de cynicos sociais que, justamente pela polidez e suavidade dos seus modos, são muito mais difficeis de descobrir que os villões de tipo mais grosseiro. A primeira oportunidade de pôr em acção o seu brilhante systema appareceu a Chester King, num dia em que casualmente elle encontrou Georgia na Quinta Avenida.

Manifestando verdadeiro delecto por aquelle feliz acaso que os reunia, King convidou-a para tomar chá, mas antes que tivesse acabado o repasto, já elle conseguira saber que ella sahira para comprar uma "trousse" da moda.

Quando acabaram de tomar chá, fizeram-se tarde demais para que ella pudessem ir effectuar a compra, e assim, dirigiram-se directamente á casa, no proposito de deixar para o dia seguinte o que não pudera fazer naquella dia. Mal, porém, chegára, appareceu um mensageiro com um embrulho que lhe era destinado. Mandado embora o rapaz, desfez o pacote e deparou com uma "trousse" que teria sido motivo de justo orgulho para uma rainha. Acompanhando o delicado mimo, havia uma breve carta tão habilmente redigida que não lhe consentia offender-se com o offerecimento. Não obstante, sentiu-se muito indignada porque King tivesse tomado a liberdade de lhe enviar tão caro objecto sem sua licença, e resolveu desde logo devolver-lhe a "trousse" com uma carta um tanto azeda, que o dissuadiria de repetir o seu acto, no futuro.

Estava, porém, Georgia ainda com a "trousse" na mão, quando a porta se abriu repentinamente, e Lefe entrou, sem lhe dar tempo de esconder o presente de Chester King.

— Bravos, querida! De onde te veio essa "trousse" tão bonita? — perguntou Lefe.

Receiosa de que, dizendo a verdade, surgisse uma desavença entre o marido e King, de quem aquelle começara a suspeitar, e que inevitavelmente acarretaria a Lake, a perda do seu emprego, Georgia poz em actividade a sua intelligencia, e logo respondeu:

— Presente de mamãe, Lefe! E' uma bellezinha, pois não é?

— Lindo, na verdade, mas acho que tua mãe commetteu uma grande extravagancia em comprar-te uma "trousse" desse valor! — respondeu Lefe.

Uma vez tendo dito que a "trousse" era

sua e que lhe dera sua mãe, Georgia não via como pudesse agora separar-se do mimo mal-avindo, sem provocar os comentarios de Lefe, e arriscar-se talvez a ser descoberta. Assim, decidiu guardá-la e resolver a situação como melhor lhe fosse possível, no concernente a Chester King.

Radiante por haver feito Georgia aceitar um presente seu, Chester empenhou-se dahi por diante em proseguir nos seus obsequios aos Waynes, em escala cada vez mais sumptuosa. Para levar ao apogeu esse seu surto de generosidade, fingiu interessar-se muito pela carreira de Lefe, e evidenciou os maiores esforços para o fazer aceitar uma nomeação de um certo cargo politico que podia ser arrendado, com lucros avultados. Georgia mostrava-se muito empenhada em que o marido aceitasse essa nomeação politica; mas elle a tal se recusou, allegando que o dinheiro que dahi lhe viria seria dinheiro sujo, que elle não podia aceitar. No dia em que Lefe devia dar a King a sua resposta definitiva, Georgia foi ao escriptorio do marido e postou-se ao seu lado, desde que elle pegou do telephone, sobre a mesa, para communicar a King a sua definitiva recusa. Georgia cravou no esposo os olhos supplices, quando viu encostar ao ouvido o receptor; mas Lefe respondeu a esse olhar com uma expressão de absoluta resolução, e em voz firme declarou a King que não podia aceitar o lugar que lhe era offerecido.

A esse tempo, Lefe chegara á conclusão que havia fosse o que fosse de anormal na sua vida e de que elle e Georgia não podiam ser felizes em Nova York. Foi, pois, ter com Georgia e pediu-lhe que voltasse para a terra natal em sua companhia. A esposa frívola sentiu um arrepio quando lhe ouviu tal pedido, a que terminantemente se recusou a acceder. Entremetidos, King não estivera ocioso. Ao contrario, com tal zelo trabalhara que conseguira prender a esposa de Lefe numa teia de luxo a que ella se apegava mais e mais, cada dia que passava. Tudo isso, elle o fazia sob a capa de ser um desinteressado amigo, inteiramente dedicado á familia. Georgia, de seu lado, preferia cerrar os olhos á evidencia da mentira.

Georgia sabia agora frequentemente, acompanhada de King, e certa tarde em que ella estava dançando com o millionario numa sala de dança um tanto suspeita, os seus olhos fixaram-se numa mulher que a vigiava attentamente. Georgia chamou a attenção de King para essa mulher. Viu-o então, caminhar ao encontro da desconhecida, que logo começou a accusal-o de a ter abandonado por Georgia.

Enojado cada vez mais da vida artificial que estavam levando em Nova York, Lefe de novo pediu a Georgia que concordasse em voltar com elle para Layetteville e fel-o desta vez com tal vehemencia que ella se sentiu gravemente perturbada. Nessa perplexidade, originada das instancias de Lefe, Georgia recorreu a King, que a convidou a almoçar, em sua companhia, num restaurant elegante, para que assim elle pudessem confiar as suas attribuições. Georgia ali foi encontrar-se com elle e verificou que a refeição ia ser-lhes servida num gabinete reservado. Como, porém, já repetidamente houvesse jantado em companhia de King, não suspeitou do caso. Depois que os dois ficaram a sós, King correu a porta á chave.

Vendo-a a olhar para elle, cheia de receio e de pânico, King disse-lhe então que chegara a hora della resolver se continuaria com elle, docil ás condições que lhe ditasse, ou se preferia voltar á vida rotineira de La Fayetteville, em companhia do marido. Fimda essa intimação, King dirigiu-se á porta e, abrindo-a, disse-lhe que

ella era livre de escolher entre a vida que levára até então com elle, ou de ir para o inferno, para Pilatbush ou para outro qualquer lugar que melhor lhe approvesse. Durante essa conversa, a mulher que não attentamente lhes acompanhara as danças na casa de chá, não se afastara da porta. Georgia reflectiu por alguns instantes, e olhou depois para King, com um sorriso que proclamava a sua rendição. De um salto elle estava a seu lado, e um minuto depois ella se encontrou submissa, entre os braços de Chester King. Nesse mesmo momento appareceu um "garçon" que attingentou a observadora indiscreta, de maneira que a entrega de Georgia ao millionario não chegou a ter testemunhas.

Ao tempo que Georgia pagava a King o preço da sua vergonha, Lefe regressava á casa e ali encontrava uma carta do seu velho patrão de La Fayetteville, que lhe offerecia sociedade na firma. Lefe ficou contentissimo, e quando, muitas horas depois, Georgia voltou á casa, passou-lhe a carta que acabava de receber, e supplicou-lhe que elle deixasse aceitar a offerta e que voltasse para a villa natal, em sua companhia. Ella hesitou, e elle chegou a ter receio de que ella recusasse; mas, muito ao contrario, ella ia aceitar avidamente a sua proposta. Antes, porém, que pudessem responder, soaram insistentes pancadas á porta, e, abrindo-a, Georgia viu-se defronte da mulher que della não despregara os olhos na casa de chá. Recou, então, aterrorizada, mas a mulher penetrou no aposento, e voltando-se para Lefe pediu uma entrevista a sós com elle. Surprehendido embora, Lefe solicitou de Georgia que se retirasse, recebendo então da mysteriosa visitante a denuncia da amizade illicita entre King e sua esposa.

Lefe recusou-se a acreditar que Georgia tivesse jantado em *l'été-d'hôte* com King, mas a desconhecida metten-lhe entre as mãos a "trousse" de Georgia, encontrada no chão, na sala reservada que os dois tinham occupado.

— Mas, porque me vem a senhora dizer isto? — interrogou Lefe.

— Porque por mais que uma mulher despreze um homem, ella já mais perdoa á mulher que lh'o arrebatou! Ora, eu fui bem feliz com Chester King até o dia em que sua mulher o separou de mim!

Depois que a denunciadora sahio, Lefe concedeu á sua esposa uma hora para arrumar as suas cousas e ir-se embora. Como lem se pode prever, ella correu para Chester King, que se descartou della, quando satisfeito, e assim das mãos delle passou Georgia ás mãos de outro. Em breve ella se viu uma mulher alquebrada, sem esperanza nem amor, sem sentimentos nem honra, a braços com a tremenda perspectiva de se ir tornando o joguete de homens vis que a repellião, uns após outros.

Foi assim que a perseguição da felicidade, por parte de Georgia Wayne, veio a acabar na miseria e na desgraça.

O caso de Sheila Hopkins foi diverso, mas igualmente tragico. Sheila Hopkins não era uma devota do prazer, mas tinha uma concepção inteiramente erronea do que era a felicidade e de como se podia conquistá-la. Era casada, casada nada menos que com um poeta de talento, por nome Anthony Sheridan, que estava louco de amor por ella. Tony Sheridan tinha uma propriedade campestre em New Chanaan, Connecticut, de que muito gostava, onde elle aprazia deixar correr os dias, a sonhar como os poetas sonham, e entregue aos trabalhos que tanto delecto lhe proporcionavam. Por amor de Sheila, que allegava a vantagem que teria na sua carreira, habitando na cidade, consentiu em ir habitar

Nova York, muito embora odiasse a vida tumultuosa da grande metropole.

Com o correr do tempo, Tony Sheridan chegou, porém, à conclusão de que o seu genio se estava suffocando na cidade, entre as quatro paredes de tijollo do pequeno apartamento em que elle e Sheila viviam, e pediu então, à esposa, supplicou-lhe mesmo, que desistisse da sua carreira e voltasse para o campo, a viver com elle. Sheila fez ouvidos surdos ao pedido, e a partir de então Tony começou a procurar, na bebida, lenitivo ao pezar de ver perdida a sua oportunidade de vencer, aos desgostos de toda a espécie que lhe causava a vida na cidade. E a cada vez que se tornava mais impetuoso, mais desesperado, mais implorou a esposa para o acompanhar para o campo.

Seu vicio, porém, não se curava. Inclinando-se para o campo, Tony chegou-se então a New Chanaan, sozinho, e ali, sem ninguém que lhe fizesse companhia, que lhe proporcionasse coragem e estímulo, proseguia bebendo até se matar.

Por este tempo, Sheila, considerando-se menos paga do que devia ser pelo seu trabalho, procurou o seu editor e exigiu-lhe um augmento de vencimentos. Mas o redactor-chefe do jornal, em vez de lhe attender ao pedido, despediu-a. Não conseguindo encontrar outro emprego que lhe permitisse viver, não demorou que Sheila começasse a dispor, um após outro, de todos os objectos que possuía, e visse approximar-se o fatal momento em que se lhe depararia a miséria e a fome, frente a frente. Pouco depois, um dia, no obscuro quarto mobilado que agora habitava, Sheila poz-se a reflectir sobre a sua vida, sobre os erros que nella commettera, e veio a reconhecer então, que, por um errado desejo de vencer na carreira litteraria, para a qual lhe faltava o talento e tambem a coragem de lutar contra os infalliveis obstáculos, sacrificara tudo quanto faz valer a pena viver, — as suas illusões, o respeito de si propria, a honra e o amor de um esplendido marido, cuja vida ella immolara ás suas tresloucadas ambições.

Assim duas, dentre tres mulheres, por tentarem conseguir uma felicidade de encomenda, desperdicaram as suas legittimas possibilidades de ser felizes. E se, por lhes conhecer a dura experiencia, uma mulher qualquer, uma só, for levada a fugir ao mesmo erro não terá sido escripta em vão a presente novella.

A MARCA DO DIABO

(FIM)

Chegara a occasião de ser publicada a parte final da "Marca do Diabo", e Akbhar via-se no mais extranho embaraço, pois Virginia desaparecera.

Um dia, porém, a porta abriu-se e Virginia appareceu a dizer-lhe que tinha comtigo o capitulo final da novella. Akbhar a agradeceu depois:

— A senhora e eu estamos muito proximos um do outro... O seu capitulo final deve acabar como o meu... e eu tinha grande interesse em vê-lo!

Virginia resolveu então pôr termo á farsa:

— O ultimo capitulo é meu, como todo o resto da novella que lhe está dando gloria! O senhor não passa de um vambiro mental, Akbhar, um habitante da lua que só resplande pela reflexão da luz dos outros, a quem depois põe á margem, como poe á pequena Indora!

— Gloria, louvor de um publico idiota, — eu de tudo me ria! Bastava que a senhora...

Virginia ficou como hypnotizada, quan-

PARA TODOS...

Preço das assignaturas

Um anno..... 25\$000
Seis mezes..... 13\$000

Venda avulsa:

No Rio..... 500 rs.
Nos Estados..... 600 rs.

OUVIDOR, 16; — RIO

do viu Akbhar approximar-se; mas, um momento depois tirou o manuscrito da bolsa e lh'o entregou.

— Este é o manuscrito da novella que lhe assignei, e que lhe assignei para a sua obra de Nova York.

— Eu havia pensado em trazer a novella para a minha obra de Nova York, mas que havia vencido, comprehendia que havia perdido o maior patrimonio que podia possuir.

— O preço da ambição é alto demais! — disse simplesmente, entregando a Virginia o manuscrito. — E agora, eu encontro o Amor!

Fôra, no corredor, Virginia sobresaltou-se ao enfrentar Indora e entregou-lhe o manuscrito.

— Akbhar está á tua espera, — disse á rapariga. — Dê-lhe isso! Eu nunca mais o tornarei a ver!

E desapareceu.

*
Hassan Maruffi, que aguardava processo pelo assassinato de Zora, a quem suppunha sua esposa, mal pôde acreditar no testemunho de seus olhos, quando Nadia lhe trouxe um jornal com a confissão, escripta por Zora antes de morrer, de que ella propria tinha posto o veneno no copo de vinho, antes que Hassan o houvesse feito, e que assim procedera porque estava resolvida a acabar com tudo". Assim resolveu o ultimo periodo da "Marca do Diabo", que Virginia havia escripta para Akbhar.

Na redacção do Metropolitan Magazine, o redactor-chefe vociferava a essa hora pragas tremendas, ao mesmo tempo que debalde procurava chamar Akbhar ao telephone. E' que Akbhar estava nesse mesmo momento escrevendo o periodo final do seu romance, do mais seu de todos os seus romances, numa igreja pacifica de uma distante aldeia...

O FILM FRANCEZ

Em via de producção:

"La conquête des Gaules", com Line Egly, Terpsé, Pierrette Paris, M. Jean Toolout e David Evremound.

"La hête traquée" — Aubert.

"Le Bled" — Aubert.

"La chambre d'amour", segundo Decourcelle, com Paul Guide.

"Le Refuge", segundo Theuriet, (Films Pansini) com Mme. Elmiere Vautier, M. Hevist, Camille Bert.

"Calucha, fille basque", da Natura Film, com mlle. Paulette Ray.

"L'Ensercelense", da Natura Film, com mlle. Paulette Ray.

"Les étapes du bonheur e Jacques Duval", da R. A. C.

"Aux jardins de Murcie (Aubert-Mercanton).

"Manon Lescaut" (Dulac), com mlle. Denise Leroy.

"Redemption", da R. A. C. (Realisation de l'Art Cinematographique).

"Le secret de Polichinelle" segundo Pierre Wolff, (Aubert-Mercanton).

"Königsmark", Leonce Perret.

"La chaussée des Geants", Aubert, com Yvonne Legeay.

"Les Chouans", segundo Balzac, com Musidora, Tarride e Max Dearly.

"Werther", segundo Goethe (Dulac).

"La maison des hommes vivants", segundo Claude Farrère (H. de Golen).

"La fille du garde chasse", com Franco Daelia, Van Daele, etc.

"Faust", segundo Goethe, com Pierre Wagner, Maray, mme. Jeanne Leduc, mme. Christine Kerf, mme. Geyer, Richard, Thevenot, Real, Dimitrieff, etc.

"Rêve d'opium" (Films Azur), com M. W. Roselly.

"L'Espagnole", (Films Musidora), com Musidora e M. W. Roselly.

"Une fleur au vent", com mme. G. Ro-

man.

APARECEU, ENVIÓ...



...o primeiro fasciculo do cine-romance policial "A Mão Sinistra" e foi o maior acontecimento da semana. Já, a esta hora, centenas de milhares de creaturas, completamente fascinadas pelas aventuras do bando temivel, esperam, ansiosas, o 2º fasciculo que, na proxima quarta-feira, estará á venda em todos os pontos de jornas.

Moças Crianças

As moças anemicas, magras e nervosas, vivem sempre tristes e descontentes.

As crianças pallidas e rachiticas são o flagello dos paes.

Tudo isso remove-se com o uso durante um mez do SANGUINOL, prodigioso remedio que renova o sangue, tonifica os nervos, produz bem estar, dá cor, vida e saúde.

Nas drogarias BARUEL & C., S. SOARES & C., J. RIBEIRO BRANCO & C., SAUL KAJI & C., e nas boas farmacias.

Deposito no Rio de Janeiro: M. de Carvalho Junior, Rua do Rosário, 167, 2º andar.

AS FUTURAS ESTREAS

(Atravez da critica Norte-Americana)

SMILIN THROUGH — do First National, com Norma Talmadge. E' o film ideal dessa linda artista. O argumento parece ter sido escripto especialmente para ella. Vendo-a no papel de Kathleen, fica a gente uma impressão que custa a se dissipar. A interpretação de Norma é muito superior á de Jane Cowl no palco. Uma combinação de realidade e fantasia é o fundo do film. Excellentes os artistas que nelle tomam parte: Wyndham Standing, Harrison Ford, Glenn Hunter. E um desejo nos fica, ao acabar a visão desse magnifico trabalho; que dora avante sejam sempre como este os films de Miss Talmadge, para que lhe perdoemos os anteriores, que tão mal serviram ao seu indiscutivel talento.

THE SEVENTH DAY — do First National, com Richard Barthelmess. Um bello trabalho artistico e um máo film. Que diabo de legendas idiotas, as que nos apparecem na tela! Richard, encantador, como sempre; o film é que não.

THE LOVES OF PHARAOH — da Efa (film allemão), direcção de E. Lubitsch, com uma porção de estrellas. E' um tremendamente grande film, espectacular, que não deixa, no meio de incidentes grandiosos, batalhas e hecatombes, perder-se o interesse humano do enredo. O trabalho dos artistas domina no interesse os incidentes grandiosos. E' que Pharaoh é desempenhado por Emil Jannings e Dagny Servaes — uma nova estrella austriaca — faz a heroína, uma escrava. Mais ainda: porque Lubitsch empresta-lhe o fogo da inspiração que produziu *Mme. Dubarry*, *Anna Boleyn*. O leitor não se deve deixar levar pelo titulo, pois que Pharaoh só tem um amor, e é por sua esposa. Isso, entretanto, pela novidade da idéa, talvez seja uma das causas do successo do film.

THE SHEIK'S WIFE — film francez. O deserto de Pharaoh leva-me a falar em outro film de amor e areia, que me pareceu particularmente interessante, se bem não tenha sido recebido com benevolencia pela critica dos grandes jornaes. E' um film francez este, e não como se poderia suppor, uma continuação do de Rodolph Valentino. E' uma novella arabe filmada realmente em terra arabica, e é isso que mais me atrahê. As palmeiras, tendas, caravanas são legitimas, muito differentes das que vemos nos studios. Mesmo os camellos parece que são outros, andando em sua terra natal de modo differente daquelle que nos mostram os de Hollywood. Tudo o mais no film, direcção, interpretação e enredo deixa muito a desejar.

COME ON OVER — da Goldwyn, historia de Rupert Hughes, que a faz passar na Irlanda. A melhor coisa do film é Colleen Moore.

PAY DAY — do First National, com Carlito. Basta isso dizer, para estar feito o elogio. Não tem grandes novidades. Ha mesmo a repetição da nota sentimental que transparece ultimamente em todos os trabalhos do comico genial. Não se deve perder esse film.

WILD HONEY — da Universal, com Priscilla Dean. Eu tenho um fraco pelas historias da Africa do Sul; ah! os *wilds*! Os *Nyanas*! etc, etc. Mas esses desertos do Sul Africano que nos offere-

ce o film se parecem tanto com os subúrbios de Hollywood! Priscilla trabalha bem, como sempre, mas parece constrangida por uma má direcção. Ha trechos do film em que a gente fica na duvida si se trata de uma comedia ou uma tragedia.

THE WORLD'S CHAMPION — da Paramount, com Wallace Reid, extrahido de uma peça que fez successo no theatro. Deve agradar o film, pois reoduz todos os motivos do éxito na scena fallada. Wallace Reid excellent; mais Lois Wilson.

BOUGHT AND PAID FOR — da Paramount, com Agnes Ayres e Jack Holt. Outra adaptação de peça theatral. A interpretação de Agnes Ayres não vale a de Julia Dean no theatro, ao passo que a de Jack Holt é bem melhor que a de Charles Richman. Miss Ayres, com os seus eternos arcos de nobreza, irrita-nos os nervos do quarto rolo em diante.

TRAVELIN ON — da Paramount, com William Hart. Bill Hart escreveu o enredo elle mesmo, para si e seu famoso pampa. Para esse film, rebuscou elle na sua memoria differentes episodios da vida do Oeste, coseu-os e fez um novo film. E' a mesma cidadezinha do Arizona, uma rapariguinha pura como a neve, um salão de baile com algumas sereias e typos de máo costume, o villão a perseguir a pequena, o protector estrangeiro intervindo com suas duas metralhadoras de seis tiros, etc...

THE GREEN TEMPTATION — da Paramount, com Betty Compson. Disse desse film um critico que ella nos mostrava a actividade de uma joven vampiro irlandeza. Não é por isso, entretanto, que a tentação é verde. Verde é uma esmeralda em cuja busca andam os artistas por uma porção de terras, até darem com os costados em Paris, o que dá ensejo a Betty Compson de apparecer como Apachineite, dançarina *di primo cartello*, Pierrette e enfermeira da Cruz Vermelha. E' um dos ultimos trabalhos de William Desmond Taylor.

THE CRADLE — da Paramount, com Ethel Clayton. A peça original de que foi extrahida essa versão cinematographica é uma dessas obras d'arte que tanto têm de sinceras como de faltas de logica. Nella, Eugenio Brioux sustenta a these singular de que um casal infeliz não se deve nunca divorciar, se de sua união resultou um filho. Já tenho assistido a varias peças em que a mesma idéa se defende, sem que seus autores reflectam em um dos aspectos mais importantes do problema — a conveniada atmosfera em que é creado esse filho, creada pela indiferença ou hostilidade dos paes entre si. O scenario de Olga Printzlau é bom, Ethel Clayton interpreta com dignidade e distincção o papel de esposa, Charles Meredith o de marido e Mary Jane Irving o de filha.

OTHER WOMEN'S CLOTHES — com Mabel Ballin. E' um film que não merece muitos commentarios.

BOUGHT AND PAID FOR — da Paramount, é um dos films notaveis do mez findo. William de Mille dirigiu-o com a sua habitual maestria, obtendo o maximo de esforço, arte e naturalidade dos interpretes. E' extrahido de uma peça theatral exhibida ha varios annos com successo. Não me parece que Agnes Ayres te-

nia nesse film um grande trabalho. Jack Holt sim, é excellent.

POLLY OF THE FOLLIES — do First National, nem merece a pena que delle se occupe a gente, perdendo um tempo precioso. Constance é uma deliciosa artista de comedia; isso eu digo não por esse film, mas por outros anteriores, de que me lembro. Constance é a menina por quem se recebem as melhores oportunidades para exhibir seus dotes artisticos. Kenneth Harlan é o galã.

BACK PAY — da Cosmopolitan-Paramount, scenario de Fannie Hurst, com Matt Moore e Seena Owen. Producção regular, baseada em thema muito conhecido, trivial, com certa negligencia. O papel de Seena Owen não está muito nas cordas dessa artista.

COME ON OVER — da Goldwyn, com Colleen Moore e Ralph Graves, historia de Rupert Hughes. Historia irlandeza, enternecedora e alegre a um tempo. O thema é bem desenvolvido e os papeis muito bem desempenhados.

THE SEVENTH DAY — do First National, com Richard Barthelmess. E' a segunda producção desse artista, depois que deixou a companhia de Griffith e não vale "Tol'able David". Louise Huff, Anne Cornwall, Frank Losee, George Stewart e Leslie Stone tomam parte.

THE LOVES OF PHARAOH — da Efa, apresentado pela Paramount, direcção de Ernest Lubitsch.

O prof. Lubitsch é um grande humanizador da Historia. E' innegavel o successo que elle obteve, applicando os seus processos a Luiz XV e Henrique VIII. Não me parece, entretanto, que o mesmo aconteça com essa extirpação, do velho Egypto de mil annos antes de Christo, das areias do deserto. E' arriscada empresa vivificar uma mumia e Lubitsch foi caipora escolliendo um Pharaoh que depois de rapar o côco inteiramente, parece menos um rei do que um annuncio ambulante de depilatorio. Tirante essa primeira impressão deve-se confessar que a sua interpretação é magnifica e digna de se ver.

O film é magnifico, irradiante de esplendor. Dagny Servaes, a heroína, tem um perfil grego puro e actúa com distincção, se bem não valha Pola Negri. Emil Jannings é excellent, apesar de sua calva exotica. Harry Liedtke, que é chamado "o Wally Reid allemão", da mesma forma bem. Entretanto não nos parece o film uma grade producção de Lubitsch.

SMILIN THROUGH — do First National. De um velho thema conservado atravez de gerações e gerações fez-se esse film, em que triumphou Norma Talmadge. O enredo foi remodelado para dar-lhe mais força, mais vigor. Norma parece muito vaporosa nos seus ultimos trabalhos. Nada daquelle vivacidade, daquelle vigor dramatico de outr'ora. Faz-nos lembrar uma linda boneca franceza, muito bonita, muito bem vestida, mas em todo caso uma boneca. Nas ultimas scenas, entretanto, ella tem bons momentos, especialmente no salão de baile do Ritz. Harrison Ford é o *leading-man* e apresenta um bom trabalho. Emfim é um dos bons trabalhos de Norma, como obra d'arte cinematographica, especialmente na photographia, em Kohi-Noor.

A DOLL'S HOUSE — da United Artists, com a Nazimova. Uma obra prima mental. A imaginação do espectador : chamada a colaborar no film. A peça de Ibsen é literalmente trasladada para a tela. A atmosfera não é Hollywoodiana; é norueguesa. Ha grande verdade na reprodução dos costumes. A interpretação é magnifica. Nazimova tem nesse papel uma de suas grandes creações. Charles Bryant é um bom director. Depois de alguns cochilhos Mme. Bryant está visivelmente fazendo elevar-se a balança dos seus meritos artisticos com suas ultimas produções.

FOR THE DEFENSE — da Paramount, com Ethel Clayton.

E' sempre agradável ver essa artista em um film que compense os seus esforços. Porque, apesar da sua inquestionável habilidade nesses ultimos tempos, por motivo de enredos mal escolhidos, a sua produção tem sido sempre infeliz. Em "For the defense" ella resgatou esses insucessos. E' um melodrama bem traçado, as aventuras de uma joven prima dona, presa de um sinistro hypnotizador hindu. Ella cae-lhe nas garras como outras antes della haviam cahido e só se salva no ultimo momento, quando uma das victimas do hindu interveem. Esse film tem scenarios cubistas, como o gabinete do Dr. Caligari, para dar o ambiente dos sonhos hypnoticos da victima. Isso amplia consideravelmente o interesse do enredo. Tudo no film é bom, e Paul Powell fez um excellente trabalho em sua direcção. Os artistas são todos muito bons.

OTHER WOMEN'S CLOTHES — da Hodkinson, dirigido por Hugh Ballin. É um film mediocre. Esperava-se mais desse director, depois de "Pagan Love", "East Lynne", "Journey's End" e principalmente "Jane Eyre". Foi o contrario que succedeu. E' um retrocesso.

POLLY OF THE FOLLIES — do First National, com Constance Talmadge.

Uma das mais ruidosas comédias que já passaram para a tela. Absolutamente disparatada como enredo, muito alegre, muito hilariante. A historia é um vago negocio de uma pequena que scandalisa uma cidadezinha provinciana e acaba se mettendo nas Follies Ziegfeld, onde ella conquista não somente o suave Mr. Ziegfeld, mas ainda um joven millionario.

Uma dos melhores entre os melhores trabalhos de Constance.

THE WORLD'S CHAMPION — da Paramount. Wallace Reid como o campeão do peso medio do mundo conquista urame, mulher e posição. E por causa de tudo isso surra ainda o cynico. Muito bem dirigida e interpretada. Muito boa diversão para toda familia. Lois Wilson interpreta a heroína com grande habilidade e encanto. E' digna de ser vista.

YELLOW MEN AND GOLD — da Goldwyn.

Esse film tornar-se-á popular, quando menos não seja pelo facto de se tratar de

um assumpto com que toda a gente sonhou um dia, ao menos — um thesouro escondido. Richard Dix, Helen Chadwick e Rosemary Theby, mais um bando de chinezes. E uma porção de gente ainda. Se gostar de aventuras não deixe de apreciar essa produção de Gouverneur Morris.

WILD HONEY — da Universal.

Priscilla Dean, Robert Ellis, uma grande variedade de scenarios, os dois irmãos Beery, peripecias dramaticas, empolgantes. A estrella é inquestionavelmente uma das artistas mais promissoras da tela.

THE LEATHER PUSHERS — da Universal.

Se as nove partes restantes forem iguaes ás tres primeiras, a Universal realisar, de facto, uma super-serie. As historias de H. C. Wittever nada perderam passadas para a tela e em cada episodio ha sempre uma empolgante aventura. Reginald Denry é o heróe e Harry Pollard o director.

THE DEUCE OF SPADES — do First National.

Charles Ray em um papel typico. Bom enredo, acção bem encadeada e legendas bem feitas. Film familiar, a melhor especie de films para moços e mesmo velhos.

WHERE IS MY WANDERING BOY TO-NIGHT? — da Zeidman.

As lagrimas de glicerina são supportaveis quando apparecem sob medida, no justo meio termo. Mas quando se precipitam ás catadupas, um Niagara, a gente deve protestar e com calor. Esse film é desse genero. Nunca vi coisa mais estúpida.

A DANGEROUS LITTLE DEMON — da Universal.

Marie Prevost como uma ventoinha ultra-moderna, com roupas ultra-curtas, sofre uma prisão, quebra no commercio e afinal, noiva com um moço muito de bem. E assim vae até o fim do romance, acabando por casar com outro moço, que já não é tão de bem. Boa diversão a que não faltam momentos comicos.

THE CRADLE BUSTER — de J. B. Warren.

Eis ahi uma simples e despretenciosa produção que nos mostra Glenn Hunter no papel principal. E' divertida e verosimil, o que não acontece muitas vezes aos films. Frank Tuttle, que escreveu o scenario e tomou a direcção, revelou-se com esse trabalho um produtor de grande intelligencia. Além de Mr. Hunter figuram Margueritte Courtot e Osgood Perkins.

THE SHEIK'S WIFE — da Vitagraph.

Film francez, apresentado por essa marca. Trata-se de uma acção dramatica no Sahara, que prova que duas raças não se devem misturar matrimonialmente falando. Um desfecho feliz interveem quando parece que tudo está perdido. Excelente photographia e bons episodios empolgantes.

LOVE'S BOOMERANG — da Paramount.

Bella produção em que se evidencia a

competencia artistica de John S. Robertson como director, cujo valor dramatico não é lá muito grande. Algo arrastado o desenvolvimento. Lindas scenas aqui e ali tomadas na França e na Inglaterra. Deliciosa interpretação de Ann Forrest, David Powell e Geoffrey Kerr.

WOMAN'S SIDE — do First National.

Demasiado tragico para nos divertir. Dá-nos a impressão de que um bando de amadores sinceros reuniu-se para fazer um film. O thema é da velha guarda. Katherine Mac Donald é muito bonita na verdade, mas a gente é que não pôde perder duas horas para constatar esse facto.

HEADIN WEST — da Universal.

Hoot Gibson, louco e alegre como sempre em exhibições de lutas e cavalhadas. Um fiozinho de enredo, um bando de patifes que acabam invariavelmente castigados, e eis tudo.

IRON TO GOLD — da Fox.

Dustin Farnum é um desconcertante individuo que se toma de amores pela mulher do seu inimigo. Muito nobre, muito heroico, mas absolutamente muito pouco convincente. Margueritte Marsh no principal papel feminino.

+

N. B. — Deve o leitor notar, ás vezes, o mesmo film criticado duas e mais vezes. E' que essa critica é extrahida de diferentes publicações, o que redonda aliás em utilidade; variando, como variam, as opiniões, podem dellas ser pelo leitor extrahidas medias razoaveis.

Muitas pessoas ignoram que no espaço de 2 horas os restos de comida, doces, etc., ficam nos interstícios dos dentes e começam a fermentar. Esta fermentação é que é a causa da carie dos dentes e do máo halito. Usando o dentifricio medicinal

ODORANS

evita-se esta acção prejudicial. Bastam algumas gottas num copo d'agua. Compre hoje mesmo um vidro, pelo preço modico de 2\$500. A' venda em toda a parte e no deposito geral: Casa Hermann. Rio.

GRAÇAS ÀS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

de DR. VAN DER LAAN
Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento, durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam exuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as farmacias e drogarias

Deposito Geral: ARAUJO FREITAS & C.
Rio de Janeiro

LADY

Para se ter a cutis formosa e aveludada é indispensável usar sempre o pó de arroz LADY! E' o melhor que conheço e não é o mais caro! Mediante um selo de 200 réis mandaremos um catalogo illustrado, de Conselhos da Belleza.

Caixa grande 25.000
pelo correio 35.000
Caixa pequena 5.000

Perfumaria Lopes

Matriz: Rua Uruguayana n. 44; filial: Praça Tiradentes n. 38 — Rio

Não nos responsabilizamos pelo producto vendido por menos dos preços acima. Para dar brilho e rosar as unhas só o ESMALTE ORIENTAL.



AS
DORES
DE
DENTES
E
INSOMNIAS
SÃO COMBATIDAS EFFICAZMENTE
PELA

ASCIATINE

EM COMPRIMIDOS

Tomar 2 ou 3 comprimidos num gole d'agua

Cia. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA
São Bernardo — (São Paulo)



ELIXIR DE INHAME

DEPURA
FORTALECE
ENGORDA

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores e artistas nacionaes. Preço de venda avulsa: 2\$000 na Capital; 2\$500 nos Estados.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL A REALISAREM-SE EM JUNHO

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos Planos.

Em 10 de Junho 100:000\$000 por 15\$400
Em 17 de Junho 50:000\$000 por 7\$700
Em 24 de Junho 400:000\$000 por 22\$000

No preço dos bilhetes já está incluído o selo. Agentes geraes na Capital Federal: Nazareth & C. — Rua do Ouvidor, 34. Caixa do Correio n. 817 — Endereço telegr. Lusvyl — Rio de Janeiro.

RENY

Pote 4\$000

Pelo correio 5\$000

FORMULA USADA EM TODA A EUROPA

INFALLIVEL — *Unica que tira com absoluta garantia todas as sardas, pannos, e anchas da pelle, rugas e cura espinh s*

DEPIL

Unico liquido que tira em 5 minutos o cabello de qualquer parte do corpo, sem irritar a pelle. Preço: vidro pequeno 5\$000 e grande 10\$000; pelo correio 6\$500 e 12\$000.

PO' DE ARROZ RENY

O melhor, o mais barato, o mais fino, o mais perfumado e o mais adherente. Preço 2\$500. Pelo correio 3\$500.

LOÇÃO RENY

Elimina a caspa e evita a queda dos cabellos, tornando-os sedosos, abundantes e perfumados. Vidro 5\$500. Pelo correio 8\$000.

AGUA BALSAMICA RENY

Perfume do Oriente, para o banho

Algumas gottas bastam para perfumar o banho, substituindo com vantagem a agua de Colonia — Vidro grande 8\$000. Pequeno 5\$000. — Pelo correio 8\$ e 12\$000.

MAGALHÃES & LOBO — SENADOR FURTADO, 48

O abaixo assignado medico diplomado pela Escola de medicina da Bahia



DR. SEIXAS MAIA

Attesto que tendo empregado em minha clinica civil, em todas as affecções de natureza syphilitica, o ELIXIR DE NOGUEIRA do Sr. Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, obtive sempre optimos resultados.

Parahyba, 14 de Março de 1913.

Dr. Seixas Maia.

Bom Dia!

O homem ou mulher que coma bem, que lhe agradem os alimentos, e que os digira, é saudavel. Como se faz a sua digestão? V.S. nunca pode ser saudavel sem que tenha boas digestões.

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

digirirão os alimentos. Ellas contem os succos digestivos do estomago sob a forma de pastilhas. Ellas dar-lhe-hão o prazer de uma boa digestão. Não espere; tome-as hoje, e será saudavel.

COLGATE'S



Desde a mais tenra idade a criança deve usar

COLGATE

a melhor pasta para os dentes